



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – *CAMPUS XII*
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

CARLOS ANDRÉ RIBEIRO DA SILVA

**SABERES E PRÁTICAS CULTURAIS PRESENTES NAS REZAS DA
COMUNIDADE DE MORRO DO SOBRADO EM PINDAÍ-BAHIA**

Guanambi-BA
2025



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – *CAMPUS XII*
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

CARLOS ANDRÉ RIBEIRO DA SILVA

**SABERES E PRÁTICAS CULTURAIS PRESENTES NAS REZAS DA
COMUNIDADE DE MORRO DO SOBRADO EM PINDAÍ-BAHIA**

Monografia apresentada à Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Departamento de Educação, *Campus XII* – Guanambi, como exigência para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a. Dra. Joseni Pereira Meira Reis

Linha de pesquisa: Memória, História, Identidade, Gênero e Cultura Escrita, vinculada ao Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão Educacional Paulo Freire (NEPE).

Guanambi-BA
2025

FICHA CATALOGRÁFICA

Ficha catalográfica gerada por meio de sistema automatizado gerenciado pelo SISB/UNEB. Dados fornecidos pelo próprio autor.

S586s

Silva, Carlos André Ribeiro da

SABERES E PRÁTICAS CULTURAIS PRESENTES NAS REZAS DA COMUNIDADE DE MORRO DO SOBRADO EM PINDAÍ-BAHIA / Carlos André Ribeiro da Silva. Orientador(a): Profa. Dra. Joseni Pereira Meira Reis. Reis. Guanambi, 2025.

95 p : il.

TCC (Graduação - Pedagogia). Universidade do Estado da Bahia. Guanambi. 2025.

Contém referências, anexos e apêndices.

1.Educação não-escolar. 2.Práticas culturais. 3.Pindaí-Bahia. 4.Rezas .
5.Saberes. I. Reis, Profa. Dra. Joseni Pereira Meira. II. Universidade do Estado da Bahia. Guanambi. III. Título.

CDD: 007

CARLOS ANDRÉ RIBEIRO DA SILVA

**SABERES E PRÁTICAS CULTURAIS PRESENTES NAS REZAS DA
COMUNIDADE DE MORRO DO SOBRADO EM PINDAÍ-BAHIA**

Monografia apresentada à Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Departamento de Educação, *Campus XII – Guanambi*, como exigência para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Aprovada em, 23 de julho de 2025.

BANCA EXAMINADORA



Prof^ª Dra. Joseni Pereira Meira Reis
(Orientadora – UNEB/*Campus XII*)



Prof^ª. Dra. Sônia Maria Alves de Oliveira Reis
(Membro interno – UNEB/*Campus XII*)



Documento assinado digitalmente
ADRIANA MOREIRA PIMENTEL TEIXEIRA
Data: 19/12/2025 18:02:14-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^ª. Ma. Adriana Moreira Pimentel Teixeira
(Membro interno – UNEB/*Campus XII*)

Aos meus pais, Sebastião (*in memoriam*) e Izabel, presenças constantes em minha vida.

Aos meus avós, Dona Benedita (*in memoriam*) e Seu Bento (*in memoriam*), por deixarem um legado de fé, sabedoria e valores que carrego com orgulho.

AGRADECIMENTOS

Chegar até aqui foi, sem dúvida, uma caminhada longa, marcada por desafios, descobertas, dúvidas, angústias, aprendizados e alegrias. Percorrer esse trajeto exigiu coragem, paciência, resiliência e, acima de tudo, fé. No decorrer desses cinco anos, houve dias bons, produtivos, felizes, assim como dias em que o medo e a incerteza se faziam presentes. E de todos eles, tirei aprendizados e lições que foram me formando enquanto professor, pesquisador e, sobretudo, como pessoa. Cada passo dado, por mais difícil que tenha sido, trouxe-me até este momento de realização e, principalmente, de gratidão.

Agradeço, primeiramente, a Deus e a Nossa Senhora Aparecida pela dádiva da vida, pela proteção, por me sustentarem nos momentos de incerteza e me guiarem rumo aos meus objetivos. Ao meu pai, Sebastião (*in memoriam*), que, mesmo ausente fisicamente, permanece presente em minhas memórias, nos ensinamentos deixados e no exemplo de honestidade e humildade que sempre carregou em sua essência me inspirando sempre. Sua lembrança se faz presente em todos os momentos de minha vida.

À minha mãe, Izabel, minha fonte de inspiração, mulher de fé, forte e guerreira, que, após a partida de meu pai, assumiu com coragem e determinação a responsabilidade de cuidar da família. Sua força e resistência inspiram-me diariamente a nunca desistir, mesmo quando a caminhada se torna difícil. Se cheguei até aqui, ela é, sem dúvida, uma das maiores responsáveis, pois sempre confiou em minha capacidade, apoiando-me e incentivando-me incondicionalmente em tudo aquilo que me proponho a fazer.

Às minhas irmãs, Lúcia, Vera, Eva e Irene, pelo cuidado, apoio, carinho e companheirismo de sempre, “vocês são referências em minha vida”. Aos sobrinhos Warles, Isabela e Larissa: “com vocês, a alegria é garantida”. Aos cunhados José, Noé e Neumar, agradeço pelo incentivo e apoio, em especial a José, que, por muitas vezes, assumiu o compromisso de cumprir afazeres de minha responsabilidade para que eu pudesse dedicar-me às atividades acadêmicas. Aos tios, tias, primos e primas, obrigado pelo incentivo.

À professora Joseni Pereira Meira Reis, minha gratidão, admiração e respeito. Sua escuta atenta, suas orientações detalhadas e cuidadosas e, principalmente, seu compromisso e dedicação foram essenciais para a construção deste trabalho. Obrigado por fazer parte de minha formação e por acreditar em mim e no potencial da pesquisa desde o início, por caminhar ao meu lado durante todo o processo e, sobretudo, pela compreensão que sempre teve comigo.

À Universidade do Estado da Bahia (UNEB), *Campus XII – Guanambi*, que, ao longo desses anos, tornou-se a minha segunda casa, deixo minha sincera gratidão. A todos os

funcionários da instituição, meu reconhecimento, cada gesto de cuidado, cada palavra de incentivo e cada serviço prestado com carinho foram essenciais em minha trajetória. À todos os professores e professoras, meu profundo agradecimento por todo o acolhimento, compreensão e conhecimento compartilhado, pelas reflexões provocadas, pela escuta atenta e pela contribuição significativa para minha formação acadêmica, humana e profissional.

À professora Sônia Maria Alves de Oliveira Reis, meu sincero agradecimento por sua participação na banca de qualificação e também na defesa deste trabalho. Sua contribuição foi essencial para o desenvolvimento da pesquisa. À professora Adriana Moreira Pimentel Teixeira, minha eterna gratidão por aceitar prontamente o convite para compor a banca de defesa desta pesquisa e por dedicar seu tempo e suas contribuições a essa leitura.

Aos amigos e colegas de turma, que compartilharam comigo os desafios da graduação, as preocupações, os aprendizados, as angústias e os momentos de felicidade, que de certa forma, aliviaram o peso da caminhada. Em especial, às amigas Elisa Mara e Leidiane, que se fizeram presentes ao meu lado em todos os momentos, oferecendo apoio e incentivo nas horas difíceis, e celebrando comigo cada conquista. “A amizade e a parceria de vocês foram de grande importância para que essa jornada se tornasse mais leve e significativa”.

Aos amigos e amigas de fora da UNEB, que, mesmo de longe, torceram por mim e estenderam a mão quando precisei, meu muito obrigado. “Ter vocês ao meu lado fez toda a diferença”. Aos moradores da comunidade de Morro do Sobrado, que compartilharam comigo suas memórias e histórias, o meu mais profundo respeito e gratidão. “Sem vocês, não seria possível a realização deste trabalho”.

Por fim, a todos os que, direta ou indiretamente, contribuíram durante essa etapa de minha formação, minha eterna gratidão. “Este trabalho carrega em cada página um pouco de cada um de vocês”.

RESUMO

O objetivo deste estudo foi investigar os saberes e práticas culturais presentes nas rezas realizadas na comunidade de Morro do Sobrado, em Pindaí-BA. Trata-se de uma pesquisa histórica desenvolvida sob a metodologia da história oral. Nesse sentido, como instrumentos de investigação, foram utilizadas as entrevistas semiestruturadas, que possibilitaram o acesso às memórias e às vivências dos moradores, e a análise documental, realizada a partir de registros fotográficos e escritos relacionados às rezas da comunidade. No que diz respeito aos aspectos teóricos e metodológicos, esta pesquisa tomou como fundamento a história cultural, a história da educação e a história oral, com ênfase na oralidade e na memória enquanto formas de transmissão de saberes. Os resultados desta investigação evidenciaram que as rezas professadas em Morro do Sobrado carregam em si saberes musicais, poéticos, religiosos e rituais. Também foram identificadas práticas culturais, como a reza do terço cantado, a ladainha cantada em latim, o ofício de Nossa Senhora rezado em dias específicos da semana, a entoação do canto “Cantemos Todos” ao final das celebrações, a ornamentação da bandeira, a tradição dos mordomos, entre outras. Interligados entre si, esses saberes e práticas culturais configuram-se como uma forma legítima de educação não-escolar, que se desenvolve fora dos muros escolares e se pauta na convivência comunitária e nas experiências coletivas. Para além desses aspectos, identificamos que os moradores da comunidade atribuem às rezas sentidos como o afeto, a espiritualidade, o pertencimento, a continuidade, a responsabilidade e o aprendizado. Por fim, o estudo aponta os desafios enfrentados para a manutenção dessa prática religiosa e cultural no contexto local, evidenciando que, apesar dos obstáculos, a tradição das rezas resiste por meio da memória, da oralidade e da presença das mulheres e dos homens de fé os quais se recusam a deixar que ela se perca ao longo do tempo.

Palavras-chave: educação não-escolar; práticas culturais; Pindaí-Bahia; rezas; saberes.

ABSTRACT

The objective of this study was to investigate the cultural knowledge and practices present in the prayers performed in the community of Morro do Sobrado, in Pindaí-BA. This is a historical research developed under the methodology of oral history. In this sense, semi-structured interviews were used as research tools, which allowed access to the memories and experiences of the residents, and documentary analysis was carried out based on photographic and written records related to the community's prayers. With regard to theoretical and methodological aspects, this research was based on cultural history, the history of education, and oral history, with an emphasis on orality and memory as forms of knowledge transmission. The results of this investigation showed that the prayers recited in Morro do Sobrado carry musical, poetic, religious, and ritual knowledge. Cultural practices were also identified, such as the sung rosary, the litany sung in Latin, the office of Our Lady prayed on specific days of the week, the singing of the song "let's all sing" at the end of celebrations, the decoration of the flag, the tradition of the stewards, among others. Interconnected, these cultural knowledge and practices constitute a legitimate form of non-formal education, which develops outside the school walls and is based on community life and collective experiences. In addition to these aspects, we also identified that community residents attribute meanings such as affection, spirituality, belonging, continuity, responsibility, and learning to the prayers. Finally, the study points out the challenges faced in maintaining this religious and cultural practice in the local context, showing that, despite the obstacles, the tradition of prayer persists through memory, oral tradition, and the presence of women and men of faith who refuse to let it be lost over time.

Keywords: non-school education; cultural practices; Pindaí-Bahia; prayers; knowledge.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Infográfico com aspectos comuns nos estudos sobre benditos, terços e ladainhas .	20
Figura 2 - Infográfico com aspectos comuns nos estudos sobre rezas, devoção e festejos religiosos.....	23
Figura 3 - Localização geográfica do município de Pindaí-BA	32
Figura 4 - Localização da comunidade de Morro do Sobrado	34
Figura 5 - Igreja da comunidade de Morro do Sobrado construída na década de 1980	45
Figura 6 - Representação das principais rezas praticadas em Morro do Sobrado	46
Figura 7 - Caderno de rezas (Ladainha em Latim).....	57
Figura 8 - Caderno de rezas (Ofício de Nossa Senhora Aparecida).....	58
Figura 9 - Antônio e sua mãe carregando a bandeira de Nossa Senhora durante o último dia do novenário	64
Figura 10 - Bandeira de Nossa Senhora Aparecida ornamentada	66
Figura 11 - Gesto de rodar a bandeira no mastro	68
Figura 12 - Antiga igreja da comunidade de Morro do Sobrado cercada.....	72
Figura 13 - Espaço adaptado para a realização do festejo em 2019	73
Figura 14 - Nova capela construída no terreno de Dona Maria.....	74

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Relação dos trabalhos selecionados na revisão de literatura.....	18
Quadro 2 - Perfil etário dos participantes.....	30
Quadro 3 - Identificação geral dos (as) participantes da pesquisa	35

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BA - Bahia

BDTD - Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior

CEP - Comitê de Ética em Pesquisa.

CONEP - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa

CNS - Conselho Nacional de Saúde.

DEDC - Departamento de Educação

IBICT - Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia

IFRN - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

MT - Mato Grosso

NEPE - Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão Educacional Paulo Freire

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UNEB - Universidade do Estado da Bahia

UFG - Universidade Federal de Goiás

UEPA - Universidade do Estado do Pará

UFBA - Universidade Federal do Estado da Bahia

UFMT - Universidade Federal de Mato Grosso

UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

UFP - Universidade Federal do Piauí

UFMA - Universidade Federal do Maranhão

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	14
2 REZAS, SABERES E PRÁTICAS CULTURAIS NA PRODUÇÃO ACADÊMICA... 18	
2.1 O que os estudos nos dizem sobre os benditos, terços e ladainhas	19
2.2 O que os estudos nos dizem sobre rezas e práticas de devoção no cotidiano dos festejos religiosos	23
3 CAMINHOS METODOLÓGICOS DO ESTUDO.....	27
3.1 O município de Pindaí – Bahia: cenário mais amplo da pesquisa	32
3.2 A comunidade de Morro do Sobrado: o <i>locus</i> da pesquisa.....	33
3.3 As vozes que entoam a pesquisa	35
4 PERSPECTIVAS TEÓRICAS PARA O ESTUDO DAS REZAS.....	37
4.1 A história cultural e as noções de representação e apropriação	37
4.2 Refletindo sobre os saberes culturais e sua relação com a oralidade e a memória coletiva.....	38
5 AS REZAS DA COMUNIDADE DE MORRO DO SOBRADO: SABERES, PRÁTICAS, MODOS E FORMAS DE MANIFESTAÇÃO DA FÉ.....	42
5.1 Refletindo sobre a origem da tradição das rezas em Morro do Sobrado	42
5.2 As principais rezas praticadas no cotidiano da comunidade.....	46
5.3 Modos e formas de manifestar a fé: saberes e práticas da comunidade.....	49
6 REZAS QUE PERSISTEM: SENTIDOS, REPRESENTAÇÕES E DESAFIOS DE UMA TRADIÇÃO QUE RESISTE AO TEMPO.....	61
6.1 Sentidos e representações atribuídos às rezas pela comunidade.....	61
6.2 Desafios e dificuldades na continuidade da tradição.....	70
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	77
REFERÊNCIAS	80
APÊNDICE A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP	84
APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	87
APÊNDICE C – ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA	92
ANEXO A – LETRA DO OFÍCIO DE NOSSA SENHORA.....	93

1 INTRODUÇÃO

A prática das rezas no Brasil iniciou-se durante o processo de colonização, por volta do século XVI, época em que os portugueses introduziram o catolicismo e este, por sua vez, abriu caminho para a prática das rezas no território brasileiro. Com base nessa premissa, compreendemos que essas manifestações religiosas possuem um importante papel na história cultural do país, sendo consideradas uma prática secular transmitida de geração em geração por meio, sobretudo, da tradição oral, a qual está associada a hábitos e costumes que possibilitam a continuidade de um grupo social e contribuem para a construção de sua identidade e visão de mundo (Alberti, 2005).

Nesse sentido, alguns estudiosos das tradições orais, como Zumthor (1993) e Ong (1998), destacam que a oralidade constitui-se como um dos principais meios de preservação e difusão das manifestações culturais. Na tradição oral, as pessoas mais idosas assumem o papel de guardiões incumbidos de salvaguardar e transmitir o patrimônio cultural imaterial às novas gerações, principalmente o valioso repertório de rezas entoadas em voz alta. Tal prática contribui diretamente para manter viva a identidade, a memória e a história de vida da comunidade.

No contexto histórico da comunidade de Morro do Sobrado, localizada no município de Pindaí-BA, na região da Serra Geral, no Alto Sertão da Bahia, a religiosidade sempre ocupou um lugar central, uma vez que se preserva a tradição de celebrar o novenário em louvor a Nossa Senhora Aparecida, padroeira da comunidade. A celebração tornou-se amplamente reconhecida pela presença das rezas antigas carregadas de profundo significado tanto para os devotos da comunidade quanto para aqueles que, mesmo residindo fora, retornam ao local movidos pela fé e pela devoção. Dessa forma, a permanência e a continuidade desse evento religioso reafirmam sua relevância no imaginário coletivo, ao permitir que os participantes fortaleçam sua fé e crença em Nossa Senhora e nos preceitos do catolicismo, expressos em forma de agradecimento pelas graças alcançadas através de preces e promessas.

A motivação para o desenvolvimento deste estudo surgiu de minha conexão pessoal com essa tradição a qual sempre esteve entrelaçada à história da minha família, haja vista que a minha avó materna, Benedita Ribeiro Cardoso¹, introduziu as rezas no cotidiano da referida comunidade, perpetuando o saber religioso e cultural herdado de seus antepassados. Suas

¹ Falecida aos 72 anos no dia 16 de janeiro de 1999.

palavras, ditas com fé e devoção, nos ensinaram que rezar é também um modo de viver e de manter viva a memória dos nossos ancestrais.

Investigar as rezas entoadas na comunidade é recordar momentos marcantes de minha convivência familiar e de minha infância, é lembrar das noites em que eu, minhas irmãs e minhas primas, na companhia de minha mãe, meu pai Sebastião da Silva Lopes², minha tia e meu avô Bento Gomes Cardoso³, nos deslocávamos até a igreja, onde reuníamos com outros moradores da comunidade para rezar. Apesar da pouca idade, já me via imerso nas rezas, observava atentamente os gestos, as expressões e o modo como cada palavra parecia carregar uma força, que, embora eu ainda não soubesse explicar, já conseguia perceber e sentir profundamente.

Com o passar do tempo, pude perceber que aquelas noites de rezas, cujas celebrações minha mãe e minha tia conduziam, não eram apenas momentos de fé e devoção, mas também uma forma de dar continuidade a uma tradição iniciada por minha avó. Elas, com força e fé inabaláveis, assumiram a responsabilidade de manter viva a prática das celebrações, transmitindo-a para as novas gerações. Nesse processo, fui aprendendo as rezas e também os significados e sentimentos imbricados nesse saber religioso, compreendendo, então, que manter viva essa tradição é, acima de tudo, um ato de preservação da nossa história de vida tanto no âmbito familiar quanto comunitário.

Ao longo de minha trajetória escolar na Educação Básica, não tive a oportunidade de aprofundar os estudos sobre as rezas. Aquilo que sempre foi tão presente no meu cotidiano familiar não foi abordado no ambiente escolar, o que fez a minha compreensão acerca do ato de rezar limitar-se apenas ao seu caráter religioso, sem entender o seu real valor cultural e a sua importância para a preservação das raízes históricas da comunidade. Entretanto, ao ingressar-me no curso de Licenciatura em Pedagogia, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), no Departamento de Educação (DEDC), *Campus XII* em Guanambi-Bahia, essa realidade mudou, à medida que pude refletir de maneira crítica sobre diversas questões presentes em nosso cotidiano, sobretudo as de ordem cultural e religiosa.

Desde o início do curso, fui incentivado a pensar sobre diversas temáticas, especialmente naquelas que dizem respeito à diversidade cultural, à luta dos movimentos sociais e ao combate ao racismo, que infelizmente ainda persiste em nossa sociedade. Essas

² Falecido aos 56 anos no dia 11 de agosto de 2012.

³ Falecido aos 91 anos no dia 24 de junho de 2015.

reflexões foram essenciais por ajudar-me a compreender a importância de olharmos para o lugar onde estamos inseridos com um olhar mais sensível e acolhedor, valorizando a cultura, os saberes, os costumes e as histórias que constituem a nossa identidade. Como bem ensinou Paulo Freire em sua obra, *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à Prática Educativa* (1996), a educação não se deve reduzir a um mero processo de transmissão de conteúdos, mas deve ser uma prática que reconheça e valorize os conhecimentos que os estudantes trazem da realidade na qual estão inseridos.

Dessa forma, através de uma atividade de pesquisa desenvolvida no componente curricular Fundamentos Teórico-Práticos do Ensino de História⁴, pude realizar este exercício de olhar atentamente para a realidade em que estou inserido. Foi, então, a partir disso que me propus a investigar as rezas antigas praticadas na comunidade de Morro do Sobrado, em Pindaí-BA. O primeiro contato acadêmico com a temática despertou em mim o desejo de compreender melhor as dimensões culturais e históricas dessas práticas que marcam profundamente a minha formação pessoal e familiar.

A partir desse processo inicial de investigação e reflexão, delineou-se a seguinte problemática: quais saberes e práticas culturais estão presentes nas rezas praticadas na comunidade de Morro do Sobrado/Pindaí-BA? Nesse sentido, o objetivo geral desta pesquisa é investigar os saberes e práticas culturais presentes nas rezas realizadas na referida comunidade. E como objetivos específicos, pretendemos identificar quais são as rezas praticadas por esse grupo comunitário, percebendo os modos e as formas de manifestar a fé; analisar os sentidos e representações atribuídos às rezas pela comunidade; e caracterizar os desafios e as dificuldades que ela enfrenta na manutenção dessa prática religiosa.

No que tange à relevância acadêmica deste estudo, é pertinente destacar que a proposta de pesquisa se insere em uma perspectiva voltada para a educação não-escolar cuja definição é a seguinte: “aquela que se aprende ‘no mundo da vida’, via processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivas cotidianas” (Gohn, 2006, p.2-3). Nessa perspectiva, entende-se que os momentos de celebração das rezas configuram-se como uma prática de educação não-escolar, pois envolvem uma aprendizagem coletiva, propiciada pelo compartilhamento de experiências entre aqueles que já dominam as rezas e os que estão em processo de aprendizagem.

⁴ Essa atividade envolveu a produção de um resumo detalhado sobre um Patrimônio Histórico Material ou Imaterial da cidade de origem de cada discente.

Assim, espera-se que este trabalho contribua significativamente para enriquecer o acervo de pesquisas históricas que abordam os saberes e as práticas culturais em espaços não escolares, bem como os estudos vinculados à história oral, visando fortalecer a valorização desses conhecimentos no âmbito acadêmico, científico e social.

Após esta introdução, o texto está estruturado da seguinte forma: no segundo capítulo, apresentamos a revisão de literatura, realizada com o intuito de identificar e analisar as produções acadêmicas que dialogam com a temática pesquisada. A análise se subdivide em dois eixos temáticos: o primeiro analisa os estudos que discorrem sobre os benditos, terços e ladainhas; e o segundo, as produções que abordam as rezas e práticas de devoção no cotidiano dos festejos religiosos.

Posteriormente, no terceiro capítulo, descrevemos os caminhos metodológicos de nosso estudo, detalhando as escolhas teórico-metodológicas, os instrumentos de investigação utilizados e o perfil dos (as) participantes. Além disso, caracterizamos o cenário mais amplo da pesquisa, o município de Pindaí; e o seu *lócus*, a comunidade de Morro do Sobrado, como dito anteriormente. Em seguida, no quarto capítulo, apresentamos a discussão acerca das concepções teóricas que fundamentaram a investigação, tais como a história cultural e as noções de representação e apropriação. Também refletimos sobre os saberes culturais, mostrando como a oralidade e a memória coletiva se articulam na preservação e transmissão destes ao longo do tempo.

No quinto capítulo, apresentamos como se deu a origem da tradição das rezas na comunidade; destacamos as principais rezas praticadas habitualmente, revelando como o povo manifesta sua fé; e ressaltamos os saberes e práticas culturais que permeiam essa tradição religiosa no cotidiano local. No sexto capítulo, evidenciamos os sentidos e as representações atribuídos às rezas pela comunidade, mostrando como essa tradição está entrelaçada as dimensões simbólicas, afetivas, espirituais e identitárias. Destaca-se ainda os desafios e dificuldades enfrentadas para a manutenção dessa prática religiosa no território.

E, por fim, nas considerações finais, retomamos de forma sintética os objetivos delineados na pesquisa, evidenciamos as principais descobertas da investigação e reafirmamos a importância da preservação dos saberes e práticas culturais presentes nas tradições que ainda resistem ao tempo.

2 REZAS, SABERES E PRÁTICAS CULTURAIS NA PRODUÇÃO ACADÊMICA

Neste capítulo, apresentamos a revisão de literatura realizada com o intuito de identificar e analisar as produções acadêmicas que dialogam com a temática desta pesquisa. Para tanto, foram consultados três bancos de dados amplamente reconhecidos no meio científico, sendo eles: o Google Acadêmico, a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) e o Banco de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior (CAPES), considerando o que foi produzido durante o período de 1980 a 2025. Tal escolha fundamenta-se no fato de que a comunidade *lócus* desta pesquisa foi fundada no ano de 1980, portanto, essa data marca o início formal e oficial das atividades nesse local, sobretudo no que diz respeito à celebração das rezas, prática que, ao longo do tempo, consolidou-se como elemento central na construção da identidade religiosa e cultural de lá.

Os descritores utilizados para a busca foram: rezas, ladainhas em latim, tradição, prática religiosa, comunidades rurais e ladainhas. Inicialmente, esses termos foram utilizados sem o uso de aspas; e posteriormente, optamos por inseri-los entre aspas visando refinar os resultados e tornar a busca mais precisa. O critério de seleção adotado foi a leitura atenta do título e do resumo de todos os trabalhos encontrados, a fim de selecionarmos aqueles que dialogassem diretamente com os objetivos do nosso estudo. Ao final do processo de busca e análise, foram selecionados um total de 10 (dez) trabalhos para compor o corpus da pesquisa: 03 (três) na plataforma Google Acadêmico, 03 (três) na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e 04 (quatro) na plataforma CAPES. No quadro a seguir, apresentamos a relação dos trabalhos selecionados:

Quadro 1 - Relação dos trabalhos selecionados na revisão de literatura

AUTOR (ES)	TÍTULO	INSTITUIÇÃO	TIPO DE PRODUÇÃO	ANO
SÁ JÚNIOR, Lucrécio Araújo de	A gestação etnolinguística dos benditos a partir da memória ibérica	IFRN	Artigo	2010
PAULA, Maria Helena de; DUARTE, Aline do Nascimento	Terços rurais cantados: identidade linguística e cultural	UFG	Artigo	2010

PINHEIRO SOUZA, Paula Fernanda	Rezando também se aprende: práticas educativas e saberes das ladainhas em Breves-PA	UEPA	Dissertação	2020
JESUS, Elivaldo Souza de	Gente de promessa, de reza e de romaria: experiências devocionais na ruralidade do Recôncavo Sul da Bahia (1940- 1980)	UFBA	Dissertação	2006
SILVA, João Clarindo da	Tecituras da cultura popular mediante a reza cantada pelos moradores da comunidade do Chumbo: vivências e tradições	UFMT	Dissertação	2022
ANJOS, Gerusa Coelho dos	“EU QUERO É MORRER AFOGADA NO ROSÁRIO DE MARIA!”: a música como suporte de redundâncias rituais e veículo de promoção de afetos, imagens e identidade na ladainha da irmandade do Jatobá	UFMG	Dissertação	2014
LIMA, Ariane dos Santos	POR ENTRE REZAS E PROCISSÕES: as celebrações em louvor ao Senhor Bom Jesus dos Passos – Oeiras - PI (1859/2012)	UFP	Dissertação	2013
GARCÊS, Marinalva; GOMES, Flavia	Festejos religiosos na comunidade remanescente quilombola de Juçatuba: fé, devoção e memória	UFMA	Artigo	2012
MOURA, Marcos Roberto Pereira	A romaria de Santa Luzia: contribuições da fé para a construção de uma identidade territorial na comunidade de Santa Luzia – município de Porangatu/GO	UFG	Dissertação	2015
SILVA, Filipe Dias dos Santos	Preparar, rezar e sambar: a reza de Brejões/BA sob a perspectiva da etnocenologia	UFBA	Dissertação	2015

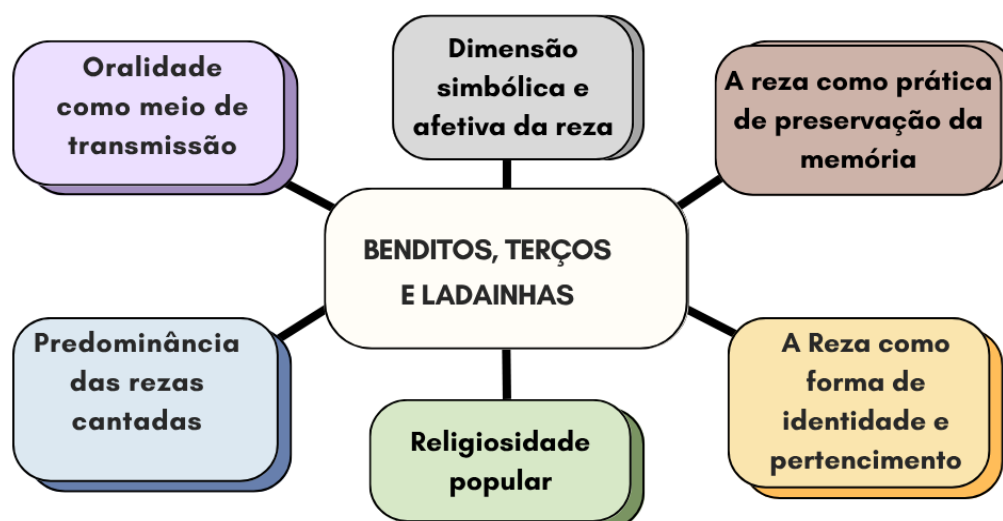
Fonte: Dados da pesquisa, 2025

Para analisarmos, de maneira mais aprofundada, as contribuições que essas produções oferecem à compreensão do objeto desta pesquisa, elencamos dois eixos temáticos principais: benditos, terços e ladainhas; rezas e práticas de devoção no cotidiano dos festejos religiosos.

2.1 O que os estudos nos dizem sobre os benditos, terços e ladainhas

A fim de sistematizar os principais aspectos presentes nos estudos analisados neste eixo temático, apresentamos o infográfico em seguida, que sintetiza as dimensões recorrentes observadas nas práticas dos benditos, terços e ladainhas:

Figura 1 - Infográfico com aspectos comuns nos estudos sobre benditos, terços e ladainhas



Fonte: Dados da pesquisa, 2025

Conforme podemos observar, os estudos reunidos neste primeiro eixo temático destacam aspectos recorrentes nos benditos, terços e ladainhas, com ênfase na força da oralidade e da memória como elementos essenciais para a preservação dessas orações. Além disso, ressaltam o caráter simbólico e afetivo das rezas, a predominância das versões cantadas e sua relação direta com a religiosidade popular. Esses elementos desempenham um papel significativo na compreensão, preservação e transmissão das práticas de rezas no âmbito das comunidades tradicionais.

A pesquisa realizada por Sá Júnior (2010) analisa os aspectos linguísticos e culturais presentes na celebração dos benditos, e entre os quais destaca o uso da linguagem em latim, que marca parte dessas práticas. Além disso, o autor apresenta uma contextualização histórica sobre a chegada dessas expressões ao Brasil e assegura que esses elementos foram “transportados para o Brasil Colonial na diáspora portuguesa, através das correntes da oralidade e da memória” (Sá Júnior, 2010, p. 172). Nesse sentido, percebe-se a importância desses elementos, uma vez que possibilitam a reprodução das rezas de geração em geração, contribuindo diretamente para a preservação e a continuidade do saber religioso e cultural na realidade das comunidades tradicionais.

A discussão em torno dos aspectos linguísticos e culturais presentes nas rezas e benditos também é abordada no estudo realizado por Paula e Duarte (2010), quando refletem sobre os terços rurais cantados como expressões da identidade do homem do campo. Para elas, os rezadores reinterpretem as palavras tradicionais em latim a partir de seu próprio dialeto, criando uma linguagem sagrada híbrida e enraizada no cotidiano rural, denominada de “latinório”. Desse modo, percebe-se que a oralidade, nesse contexto, também se constitui como um espaço de reinvenção e resistência simbólica frente aos processos de homogeneização cultural.

Esses estudos contribuíram de maneira significativa para o desenvolvimento da presente pesquisa, ao possibilitarem uma compreensão aprofundada no que diz respeito ao papel da oralidade e da memória na preservação das rezas enquanto saber religioso e cultural que transcende gerações. Além do mais, colaboraram para o entendimento tanto da origem quanto do sentido da utilização do latim nas rezas, o qual se constitui como um dos elementos centrais da prática religiosa vivenciada no contexto da comunidade pesquisada.

Souza (2020) analisa a celebração das ladainhas no município de Breves-PA como um espaço educativo onde os diversos saberes presentes circulam por intermédio da oralidade e da memória. Para a autora, o momento da celebração das rezas (ladainhas) configura-se como uma prática de educação não-escolar, na qual o aprendizado “se dá por meio de algumas dimensões: educação intergeracional, processo ritual, processo vivencial, educação da atenção, vontade; oralidade, memória e escrita (uso dos cadernos e cópias)” (Souza, 2020, p.92). Tais dimensões são fundamentais, visto que reforçam os laços entre as gerações, assegurando a continuidade dessa prática no âmbito local.

A pesquisa de Souza (2020), em particular, cooperou expressivamente para o presente estudo, ao possibilitar reflexões sobre a dimensão educativa das ladainhas, uma das principais rezas praticadas na comunidade investigada. Ademais, a pesquisadora apresenta, ao longo de sua análise, conceitos relevantes que colaboraram significativamente para uma compreensão aprofundada do objeto deste estudo.

Por sua vez, Jesus (2007) analisa as experiências devocionais no Recôncavo Sul da Bahia entre as décadas de 1940 e 1980, com ênfase nas ladainhas rezadas no espaço doméstico e nas romarias ao Santuário de Nossa Senhora dos Milagres de Brotas. Ao longo de sua escrita, o autor nos mostra como essas formas de oração estavam entrelaçadas à vida cotidiana de homens, mulheres e crianças que habitavam aquele território, destacando a maneira como contribuíram para a construção e reconstrução de suas identidades e sociabilidades, enquanto

lidavam com as tarefas do dia a dia na vivência da roça, rezando aos santos pelos quais tinham devoção. Ao evidenciar o envolvimento direto das crianças nessas práticas, percebe-se que a tradição é transmitida de geração em geração, revelando a importância da memória e da oralidade na preservação desse saber religioso e cultural.

Essa pesquisa foi relevante à medida que nos possibilitou compreender a forte conexão que os devotos estabelecem com os santos e santas reverenciados, por meio das ladainhas e romarias. Tal aspecto apresenta uma grande semelhança com o contexto da comunidade de Morro do Sobrado, em Pindaí-BA, onde se observa uma intensa devoção à Nossa Senhora Aparecida.

O trabalho de Silva (2022) analisa a reza cantada na comunidade quilombola do Chumbo, em Poconé-MT, demonstrando como essa prática articula os elementos, fé, devoção, crença e espiritualidade. O autor nos mostra também a importância da oralidade nesse meio, ao enfatizar a poética da voz, evidenciando que a palavra atua como portadora de um saber ancestral, dotado de força e mistério. Nesse sentido, a reza cantada atua como instrumento de resistência cultural e de reatualização da memória coletiva, conectando os sujeitos a uma história da qual tentaram desvinculá-los. Por meio dessa prática, os moradores reafirmam sua identidade, participando ativamente no diário da comunidade.

O mesmo estudo trouxe contribuições importantes para compreendermos as rezas não apenas como um elemento da religiosidade popular, mas como uma prática essencial no cotidiano de uma comunidade, uma vez que elas fortalecem e asseguram a continuidade dos saberes ancestrais presentes nesse espaço. Para além desses aspectos, a pesquisa de Silva (2022) nos permitiu pensar sobre a reza como uma prática carregada de sentidos, afetos, memórias e modos de ser, o que certamente contribuiu de maneira significativa para entendermos as representações e sentidos atribuídos às rezas em Morro do Sobrado.

Por fim, destaca-se o estudo de Anjos (2014), que discute a importância da música na experiência devocional das ladainhas cantadas. Segundo a autora, a música exerce um papel central na produção de afetos e na evocação de imagens simbólicas pelos participantes da celebração, porque ela “opera como suporte e ponte com o sagrado, promovendo naqueles que dela participam e nela creem um estado de maravilha e comunhão com o divino, bem como com os antepassados, sempre lembrados em suas orações” (Anjos, 2014, p. 184). Tal descrição sobre o desempenho da música é fundamental para compreendermos a conexão que

os devotos estabelecem com o sagrado, assim como os elementos que despertam as emoções vivenciadas durante a celebração das rezas.

Esse estudo foi relevante por nos oferecer subsídios que possibilitaram a compreensão detalhada dos sentidos, representações e sentimentos imbricados nos cantos das ladainhas cuja prática é recorrente no contexto pesquisado.

2.2 O que os estudos nos dizem sobre rezas e práticas de devoção no cotidiano dos festejos religiosos

Para facilitar a visualização dos principais aspectos discutidos pelos autores que analisam as rezas e as práticas de devoção no contexto dos festejos religiosos, apresentamos abaixo um infográfico que resume os aspectos mais recorrentes nos estudos analisados neste eixo:

Figura 2 - Infográfico com aspectos comuns nos estudos sobre rezas, devoção e festejos religiosos



Fonte: Dados da pesquisa, 2025

Observa-se que os estudos reunidos neste segundo eixo temático evidenciam aspectos fundamentais sobre as rezas no contexto dos festejos religiosos, ressaltando a oralidade como meio de transmissão e a religiosidade popular como elemento estruturante das práticas devocionais. Os festejos apresentam-se como espaços de memória coletiva, em que a reza adquire um papel central na reafirmação da identidade e da cultura local. Além disso, as

abordagens destacam a integração entre fé, cultura e cotidiano, mostrando como isso se articula à vivência comunitária.

Nesse contexto, Lima (2013) analisa a experiência religiosa associada à celebração festiva do Bom Jesus dos Passos, na cidade de Oeiras, Piauí, evento que ocorre anualmente na semana que antecede a Semana Santa. A autora destaca a permanência e a transformação de elementos do catolicismo português herdados do período colonial, os quais se atualizam na cultura local por meio de teatralizações e procissões.

Ambas as práticas são marcadas pela participação de homens, mulheres, idosos e crianças, que buscam manter vivas a tradição e a memória da Paixão de Cristo em uma experiência carregada de emotividade e religiosidade. Isso se confirma, sobretudo, no fato de que “a festa possui características únicas por estarem associadas às comemorações de momentos importantes da vida cotidiana da localidade, que recriam algo que ficou na memória coletiva” (Lima, 2012, p. 168). Essa experiência contribuiu para a nossa pesquisa, pois nos permitiu lançar novos olhares sobre o festejo de Nossa Senhora Aparecida da comunidade de Morro do Sobrado, valorizando os aspectos simbólicos e afetivos que sustentam a continuidade dessa tradição até os dias atuais.

De forma semelhante, o estudo de Gomes e Garcês (2012) analisa os festejos religiosos na comunidade quilombola de Juçatuba, localizada a dezenove quilômetros de São José de Ribamar, Maranhão. Inicialmente, as autoras contextualizam historicamente o surgimento da comunidade, e posteriormente, descrevem os festejos em louvor a São Sebastião, Nossa Senhora do Bom Parto, Sant’Anna, Nossa Senhora Mãe dos Homens e o Menino Jesus; também mostram como essas festividades desempenham um papel importante na afirmação da identidade e na preservação das práticas culturais locais, estabelecendo vínculos profundos entre fé, devoção e memória; e destacam ainda que são comuns, em todas essas festividades, as ladainhas em latim, o erguimento e derrubada do mastro ornamentado e a representação dos personagens centrais da festa, imperador, imperatriz, anjos e mordomo (Gomes e Garcês, 2012).

Essas reflexões favoreceram para enriquecer nossa abordagem, uma vez que ofereceram subsídios para uma análise abrangente de práticas mencionadas pelas autoras e que também estão presentes no cerne do festejo em louvor a Nossa Senhora Aparecida, realizado na comunidade que se constitui como *lócus* da presente pesquisa.

A pesquisa de Moura (2015) apresenta aspectos do festejo e da romaria, realizados desde 2002 na comunidade rural de Santa Luzia, em Porangatu, Goiás. A autora buscou compreender

como os rituais e simbolismos desses eventos religiosos contribuem para a formação de uma identidade territorial na comunidade. Nesse contexto, ela nos mostra que, apesar de ser idealizada por um agente externo, a peregrinação foi apropriada e ressignificada pelos próprios moradores da comunidade, e hoje é realizada como parte de seu patrimônio. A presença das rezas dedicadas aos santos das famílias revela como a prática devocional fortalece os vínculos comunitários, consolidando uma identidade territorial marcada pela memória coletiva e pela religiosidade católica.

Nesse sentido, é possível identificar que a romaria não apenas celebra o dia dedicado à padroeira, como também organiza o cotidiano da comunidade em torno de um calendário sagrado, no qual o festejo e as rezas possuem um lugar de destaque no planejamento anual desse espaço. A vivência apresentada por Moura (2015) nos permitiu refletir sobre a dinâmica do festejo de Nossa Senhora Aparecida em Morro do Sobrado, similarmente realizado anual representando um marco simbólico no calendário da referida comunidade.

Finalmente, destacamos o estudo realizado por Silva (2015), em Brejões, cidade localizada no interior da Bahia, ao sul do Recôncavo Baiano. O autor analisou a tradição festiva das rezas praticadas nesse território e, segundo ele, essa tradição se estrutura em três momentos: o preparar, o rezar e o sambar, os quais devem ser compreendidos como complementares, de maneira que a transição de um para o outro ocorra naturalmente.

Desse modo, “o preparar reúne pessoas mais próximas da comunidade, enquanto o rezar, liderado por uma rezadeira, conta com todos aqueles que quiserem participar, sem a necessidade de convites. Logo após, os presentes abrem um círculo em frente ao altar onde ocorre o samba” (Silva, 2015, p. 23-24). Tal processo revela que, em Brejões, as práticas de devoção ampliam-se à medida que integram aspectos corporais e musicais à reza. Nesse âmbito, Silva (2015) evidencia que a religiosidade naquela região se sustenta por meio de práticas coletivas que integram o corpo, o canto, o ritmo e a memória como formas de revelar as identidades culturais de um grupo historicamente marcado por resistências e reinvenções.

Esse estudo contribuiu significativamente para a nossa abordagem, à medida que nos motivou a refletir sobre os momentos que constituem o festejo de Nossa Senhora Aparecida em Morro do Sobrado, a começar pelos preparativos iniciais, em que ocorre a arrumação da bandeira e da casa onde ela permanece até o momento que antecede à celebração, quando os devotos saem em procissão para buscá-la e levá-la até a igreja. A chegada da bandeira marca o início da celebração das rezas antigas, consideradas parte fundamental da identidade religiosa,

cultural e social da comunidade. E a levantada da bandeira, ao som do reisado, representa o encerramento do festejo e a renovação da fé e da devoção à Nossa Senhora Aparecida.

De modo geral, a leitura dos estudos apresentados nos dois eixos temáticos revelou aspectos fundamentais para uma compreensão aprofundada da prática das rezas no cotidiano da comunidade de Morro do Sobrado. Apesar de cada trabalho apresentar enfoques específicos, foi possível identificar aproximações significativas entre eles, dado que todos destacam o papel central da oralidade e da memória coletiva na preservação e continuidade dessa prática, que transcende gerações e constitui-se como parte essencial da identidade cultural das comunidades estudadas.

Em suma, percebe-se que a recorrência destes elementos, oralidade e memória coletiva, nas pesquisas analisadas contribuiu para um conhecimento amplo a respeito das rezas, não só em sua dimensão religiosa, mas também em seu valor cultural e em sua importância para a formação da identidade das comunidades que ainda mantêm viva a tradição de rezar, a exemplo da comunidade de Morro do Sobrado.

3 CAMINHOS METODOLÓGICOS DO ESTUDO

Este capítulo apresenta os caminhos seguidos para a construção da pesquisa, detalhando as escolhas teórico-metodológicas, os procedimentos para a construção de dados empíricos, o perfil dos (as) participantes e os princípios éticos que nortearam cada etapa do processo investigativo. Além disso, descreve-se o contexto em que a pesquisa foi realizada, incluindo a caracterização do município de Pindaí e, em seguida, da comunidade de Morro do Sobrado, *locus* da pesquisa, destacando suas singularidades históricas, culturais e religiosas.

O percurso metodológico deste trabalho iniciou-se por meio de uma pesquisa bibliográfica, que, segundo Fonseca (2002, p. 32), “é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de websites”. Nesse sentido, realizamos esse levantamento com a finalidade de verificar o que já foi produzido academicamente sobre a referida temática, visando obter fundamentos teóricos para sustentar a nossa discussão ao longo do trabalho.

Este estudo se configura como uma pesquisa histórica, posto que foi realizada uma investigação acerca da história local, buscando compreender a tradição das rezas na comunidade, bem como os saberes e as práticas culturais que a permeiam. E, para alcançar essa compreensão, utilizamos a metodologia da história oral, pois ela “privilegia a realização de entrevistas com indivíduos que participaram ou testemunharam acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo” (Alberti, 1989, p. 52).

Ao refletirmos sobre o campo dessa metodologia de pesquisa, é essencial enfatizar que nem tudo o que é transmitido por meio da oralidade se enquadra como história oral. Para o historiador Bom Meihy (2005), práticas como a declamação de poemas, debates e palestras não podem ser consideradas história oral. Por isso, torna-se necessário compreender as distinções entre os conceitos de oralidade, fontes orais e história oral.

Para Meihy (2005, p. 20), “a oralidade é um conjunto amplo de expressões verbais e compreende a mais larga gama de manifestações sonoras humanas”. Por outro lado, as fontes orais são definidas como “diversas manifestações sonoras, gravadas, decorrentes da voz humana e que se destinam a algum tipo de registro passível de arquivamento ou de estudos” (Meihy, 2005, p. 21). Diante disso, nota-se que enquanto a oralidade abrange, de modo geral, todas as formas de expressão e manifestação sonora humana, as fontes orais correspondem às

manifestações específicas que foram gravadas com a finalidade de serem utilizadas para fins de estudo ou documentação (Meihy, 2005).

Já a história oral configura-se dentro dessas manifestações como um procedimento mais específico e planejado, que deve estar registrado em um projeto a ser desenvolvido com o intuito de alcançar um determinado objetivo (Meihy, 2005). Esse método é considerado também como “uma alternativa para estudar a sociedade por meio de uma documentação feita com o uso de depoimentos gravados em aparelhos eletrônicos e transformados em textos escritos” (Meihy, 2005, p. 18). Nessa perspectiva, compreende-se que tal abordagem, ao dar ênfase aos depoimentos de pessoas que presenciaram acontecimentos significativos ao longo do tempo, busca reunir subsídios para a construção de narrativas históricas amplas e detalhadas, e possibilita, conseqüentemente, uma compreensão aprofundada da história da sociedade.

Portanto, pode-se considerar que a história oral é “sempre uma história do tempo presente e também reconhecida como história viva” (Meihy, 2005, p.17). Assim, ela não se limita apenas ao passado, mas também abarca as visões e vivências do tempo presente das pessoas envolvidas. Essa compreensão é fundamental, pois o pesquisador interpreta as narrativas enriquecendo-as com detalhes que poderiam ser negligenciados em outros tipos de registro histórico. Ainda nesse caso, destaca-se:

A presença do passado no presente imediato das pessoas é razão de ser da história oral. Nesta medida, a história oral não só oferece uma mudança para o conceito de história, mas, mais do que isto, garante sentido social à vida de depoentes e leitores que passam a entender a sequência histórica e a sentirem parte do contexto em que vivem (Meihy, 2005, p.19).

Destarte, é possível compreendermos que a história oral desempenha um papel essencial ao permitir reflexões sobre eventos passados no contexto presente, proporcionando um entendimento profundo da história e, ao mesmo tempo, fortalecendo o sentimento de ligação e pertencimento entre aqueles que a escutam e a compartilham no contexto vivenciado. A adoção dessa metodologia justifica-se pela possibilidade de rememorar informações que não estão disponíveis em documentos convencionais, tais como eventos pouco elucidados ou nunca mencionados, vivências pessoais e impressões particulares (Alberti, 2004).

Dentro dessa perspectiva metodológica, torna-se imprescindível discutir também os conceitos de memória e identidade, pois ambos estão diretamente interligados e são considerados fundamentais dentro dessa abordagem. Para Meihy (2005, p.59), “Memória e Identidade são as matérias essenciais da história oral. Por meio de entrevistas, pode-se perceber

as formas de organização das narrativas, que sempre se apoiam em relatos que evocam o passado, determinando a configuração da memória e suas relações com a identidade”.

Dessa forma, compreendemos que a memória é essencial, por atuar como a principal fonte de origem das narrativas pessoais, lembranças e testemunhos, a partir dos quais se constrói a história oral. Em verdade, ao participarem do processo de compartilhamento de experiências, as pessoas não apenas relatam eventos passados, como também revelam aspectos de sua identidade. Por isso, podemos concluir que os conceitos de memória e identidade são “indissociáveis”, como pontua o antropólogo Jöel Candau (2012):

A memória, ao mesmo tempo em que nos modela, é também por nós modelada. Isso resume perfeitamente a dialética da memória e da identidade que se conjugam, se nutrem mutuamente, se apoiam uma na outra para produzir uma trajetória de vida, uma história, um mito, uma narrativa (Candau, 2012, p. 16).

A partir dessa relação indissociável, é possível compreender como a memória desempenha um papel central na construção da identidade individual e coletiva dos fiéis que participam da celebração das rezas na comunidade de Morro do Sobrado, em Pindaí-BA. Compreender essa dinâmica é essencial para o uso da história oral como metodologia, dado que tal abordagem permite acessar as vivências do outro por meio da compreensão de suas expressões pessoais. Esse processo exige um trabalho delicado de interpretação, no qual se busca compreender adequadamente as perspectivas de vida e os relatos orais dos entrevistados (Alberti, 2004).

Assim, para a concretização deste estudo, foram utilizadas, como instrumentos de investigação, as entrevistas semiestruturadas e a análise documental, que se complementaram e proporcionaram uma abordagem rica e detalhada da realidade estudada. A entrevista semiestruturada é composta por “perguntas abertas e fechadas, onde o informante tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto. O pesquisador deve seguir um conjunto de questões previamente definidas, mas o faz em um contexto muito semelhante ao de uma conversa informal” (Boni; Quaresma, 2005, p. 75).

Além das entrevistas semiestruturadas, foi realizada a análise documental, que complementou a investigação ao permitir o acesso a registros históricos da prática das rezas. Como fontes documentais, foram utilizadas algumas fotografias e também um caderno com o registro escrito das rezas. Conforme mencionado por Le Goff (1990, p. 545), o “documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, e sim é fruto da sociedade que o fabricou [...]”.

Dessa forma, os registros documentais existentes serviram como suporte para a realização da análise numa perspectiva histórica.

Considerando que as rezas praticadas na comunidade de Morro do Sobrado representam uma tradição transmitida de geração em geração, buscou-se analisar como os moradores de diferentes faixas etárias⁵ compreendem tal fenômeno dentro desse espaço. Para tanto, a seleção dos entrevistados foi definida pelos critérios de faixa etária e participação nos momentos de celebração das rezas. A partir desses parâmetros, os participantes da pesquisa foram organizados em três categorias geracionais: primeira geração, segunda geração e terceira geração. No total, foram selecionados sete (07) integrantes, seis (06) do sexo feminino e um (01) do sexo masculino. No quadro abaixo, apresento o perfil dos participantes de maneira geral e, posteriormente, de maneira mais detalhada na seção 3.3.

Quadro 2 - Perfil etário dos participantes

Gerações	Faixa Etária	Quantidade	Nomes ⁶
Primeira	Idosos: 63 anos	1 pessoa	Maria
Segunda	Adultos: entre 30 e 59 anos	5 pessoas	Ana; Rita; Cassia; Luzia; Bárbara
Terceira	Jovens: entre 20 e 29 anos	1 pessoa	Antônio

Fonte: Dados da pesquisa, 2025

A primeira geração é representada pela rezadeira mais experiente da comunidade, uma das principais responsáveis pela continuidade da tradição das rezas no local. A segunda geração é composta por cinco mulheres que acompanham essa tradição desde a infância e que, atualmente, desempenham papéis significativos nas celebrações das rezas. Por fim, a terceira geração é representada por um jovem que está sempre presente nas celebrações, demonstrando um forte interesse em aprender as rezas praticadas.

⁵ **Jovens:** 1 pessoa (com idade entre 20 e 29 anos); **adultos:** 5 pessoas (com idades entre 30 e 59 anos); **idosos:** 1 pessoa (com 63 anos), segundo critérios estabelecidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

⁶ Todos os nomes utilizados para se referir aos participantes dessa pesquisa são fictícios, garantindo assim que suas identidades reais não sejam reveladas.

Após a definição das pessoas a serem entrevistadas, estabelecemos um contato prévio com elas, no qual foram apresentados os objetivos da pesquisa e o convite para participarem deste processo de escuta e construção coletiva. A proposta foi bem recebida e todos demonstraram interesse e disposição em colaborar, reconhecendo a importância de valorizar e registrar as tradições vividas na comunidade. As entrevistas foram agendadas com antecedência, respeitando os horários e a rotina de cada participante e, posteriormente, foram realizadas em suas residências, no período de 20/04 a 12/05 de 2025, com base em um roteiro⁷ elaborado para possibilitar que os entrevistados se expressassem livremente dentro dos objetivos delineados na pesquisa.

As entrevistas foram gravadas mediante autorização dos participantes⁸ e sua duração oscilou entre 20 a 40 minutos. Após o término dessa etapa, iniciou-se o processo de transcrição das gravações, visando assegurar a fidelidade dos relatos e possibilitar uma análise sensível e aprofundada das narrativas orais. Ao final desse exercício, as transcrições foram submetidas à apreciação das pessoas entrevistadas, que puderam ler e confirmar se o conteúdo transcrito correspondia fielmente ao que havia sido dito. Todos os participantes concordaram com os registros, o que reforça o compromisso ético com a escuta respeitosa e com a integridade das falas compartilhadas ao longo da pesquisa.

Durante o percurso, também surgiram algumas dificuldades, a exemplo da necessidade de conciliar os horários de gravação com a rotina dos participantes, uma vez que eles possuem suas responsabilidades familiares e de trabalho, o que acabou limitando a disponibilidade para longas conversas. Além disso, o fato de o pesquisador estar inserido na comunidade exigiu bastante cuidado e atenção na condução das entrevistas para garantir que as relações de proximidade não interferissem no andamento delas, fator que foi fundamental para o bom andamento da pesquisa e para o aprofundamento das reflexões construídas por meio das narrativas.

Os dados produzidos através das fontes orais e documentais foram analisados de forma interpretativa, considerando a problemática e os objetivos do estudo. E, por fim, é importante ressaltar que, como essa pesquisa⁹ envolveu seres humanos, todas as medidas éticas foram

⁷ O roteiro da entrevista encontra-se no apêndice C deste trabalho.

⁸ A autorização foi concedida mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), disponibilizado no apêndice B deste trabalho.

⁹ O projeto insere-se em uma proposta mais ampla de estudos e pesquisas na linha de Memória, História, Identidade, Gênero e Cultura Escrita, sob a orientação da professora Joseni Pereira Meira Reis, sendo submetido e aprovado pelo Comitê de Ética da UNEB pelo CAAE: 78452524.3.0000.0057 em 25/04/2024.

adotadas, em conformidade com a Resolução CONEP/CNS nº 1.466/2012 e a Resolução CONEP/CNS nº 510/2016.

3.1 O município de Pindaí – Bahia: cenário mais amplo da pesquisa

O município de Pindaí está localizado na Serra Geral, na região do Alto Sertão Baiano, integrando a mesorregião do Centro-Sul da Bahia e a microrregião de Guanambi, situando-se a aproximadamente 717 km da capital do estado, Salvador. Com uma área territorial de 628,469 km², o município delimita-se ao norte com Guanambi e Caetité, ao sul com Urandi, a leste com Caetité, Licínio de Almeida e Urandi, e a oeste com Candiba e Guanambi. Atualmente, conta com o distrito de Guirapá, reconhecido como uma importante localidade em processo de desenvolvimento dentro deste território (IBGE, 2023). Para melhor compreensão da localização e dos limites territoriais de Pindaí, apresentamos, a seguir, o mapa do município.

Figura 3 - Localização geográfica do município de Pindaí-BA



Fonte: Google Maps, 2025

Segundo dados do último Censo Demográfico, realizado em 2022 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o referido município possui uma população de 14.731 habitantes. Desse total, 7.260 são mulheres e 7.471 são homens, indicando uma distribuição populacional relativamente equilibrada entre os gêneros. Na área rural, residem 10.281 pessoas e na área urbana, 4.450 pessoas, o que evidencia o caráter marcadamente rural do município. Tal aspecto justifica a predominância da agricultura e da pecuária como principais atividades econômicas desse território.

Os dados disponibilizados pelo portal do IBGE (2023) revelam que, historicamente, o município teve origem como um pequeno povoado conhecido como São João da Gameleira, o qual foi posteriormente elevado à categoria de distrito de Umburanas no início do século XX, mais precisamente no ano de 1900. Em um segundo momento histórico, no ano de 1918, o referido povoado passou a constituir-se como distrito do município de Urandi. Mais de duas décadas depois, em 1945, o nome São João da Gameleira foi substituído por Pindaí, com o intuito de evitar a duplicidade de nomenclatura, uma vez que outro município baiano também adotava o mesmo nome.

O nome Pindaí é de origem indígena e remonta a uma escolha feita pela professora caetiteense Eponina Zita, que, na época, exercia suas atividades docentes em Urandi. Ao reconhecer a importância do Rio de Contendas para a região e, após realizar uma pesquisa em dicionários de línguas indígenas, a professora escolheu o termo Pindaí, cuja etimologia resulta da junção de (Pindá = Rio, I= Pesca, anzol), conferindo-lhe o significado de rio da pesca ou rio do anzol. Tal denominação se mantém oficialmente até os dias atuais, apesar da tentativa de substituí-la por “Ouro Branco” no ano de 1965, em alusão à expressiva produção de algodão no município. Contudo, a mudança não se concretizou em virtude da existência de uma localidade na Bahia com essa mesma nomenclatura (Borges, 2012).

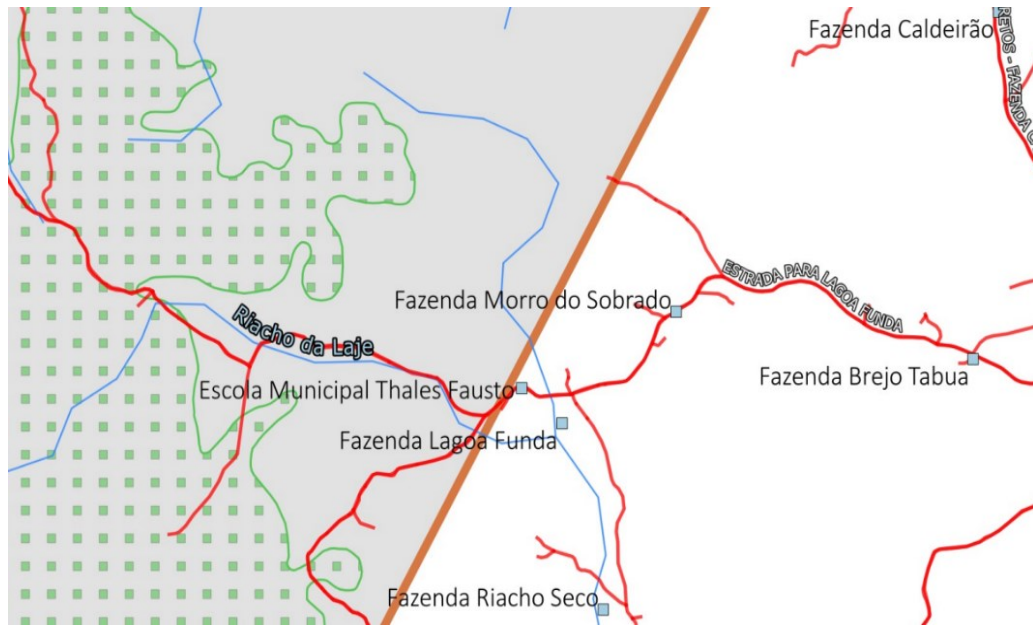
A emancipação política do município ocorreu em 13 de fevereiro de 1962, quando desmembrou-se do território de Urandi, por meio da promulgação da Lei Estadual nº 1.617, publicada no Diário Oficial em 20 de fevereiro do mesmo ano. A instalação oficial como município independente ocorreu em 7 de abril de 1963. E, nessa ocasião, foi realizada a primeira eleição municipal para a escolha do prefeito e dos vereadores, sendo eleito, como primeiro gestor, o Sr. Jerônimo Borges de Carvalho (Borges, 2012).

3.2 A comunidade de Morro do Sobrado: o *locus* da pesquisa

O que dizer da minha comunidade, do meu lugar no mundo, um espaço marcado por histórias, memórias e significados que atravessam gerações? Falar da comunidade de Morro do Sobrado é contar sobre o chão onde dei meus primeiros passos, é descrever um lugar onde cada árvore, cada pedra, cada caminho de terra guarda um pedaço de minha história e das vivências daqueles que vieram antes de mim. A imagem a seguir mostra a localização da comunidade de

Morro do Sobrado no município de Pindaí, permitindo visualizar geograficamente esse território carregado de memórias.

Figura 4 - Localização da comunidade de Morro do Sobrado



Fonte: IBGE, 2025

Localizada na área rural do município de Pindaí, na região da Serra Geral, no Alto Sertão da Bahia, a comunidade está situada a aproximadamente 15 km da sede municipal e a cerca de 55 km da cidade de Guanambi-BA. Encontra-se em uma área de clima semiárido, marcada por longos períodos de estiagem, onde predomina a vegetação da caatinga. A comunidade foi fundada no ano de 1980 e atualmente é composta por 12 famílias, as quais, em sua maioria, obtêm seu sustento por meio da agricultura familiar, com práticas de cultivo adaptadas às condições climáticas da região, bem como da criação de animais de pequeno porte.

Ao nos referirmos a esse lugar, torna-se imprescindível mencionar a religiosidade, considerada um dos aspectos centrais de sua cultura, uma vez que se preserva, em seu cotidiano, a tradição de celebrar as rezas antigas, como a ladainha em latim e o ofício de Nossa Senhora. Essas práticas enriquecem ainda mais as celebrações religiosas da comunidade, a saber, o festejo em louvor à Nossa Senhora Aparecida, reverenciada como a padroeira local. Esse festejo ocorre anualmente no mês de outubro, com início no dia 4 e encerramento no dia 12, quando acontecem a levantada do mastro e o reisado. Trata-se de uma ocasião marcada por alegria, emoção, fé, devoção e um profundo sentimento de dever cumprido, ao mesmo tempo que

alimenta nos devotos a esperança e a expectativa para a realização da festa no ano seguinte, mantendo viva essa tradição carregada de sentidos e significados.

Dessa forma, a partir dos aspectos mencionados que caracterizam a comunidade de Morro do Sobrado, compreende-se que ela se constitui como um espaço de resistência e memória, onde as práticas cotidianas de sobrevivência no semiárido e a religiosidade se entrelaçam como elementos centrais da cultura local, contribuindo diretamente para o fortalecimento da identidade das famílias que ali residem.

3.3 As vozes que entoam a pesquisa

As vozes que sustentam esta pesquisa carregam lembranças, saberes e práticas e, sem dúvidas, foram essenciais para que este trabalho se materializasse. Por meio dessas narrativas, tornou-se possível compreender como as rezas são vividas e transmitidas, ao longo das gerações fortalecendo, assim, a construção da identidade local de Morro do Sobrado. Essa escuta foi fundamental, pois, como afirma Bosi (1994, p. 68), “a narração da própria vida é o testemunho mais eloquente dos modos que a pessoa tem de lembrar”.

Nesse sentido, caracterizamos a seguir as pessoas que gentilmente compartilharam conosco suas histórias, experiências e saberes, possibilitando a realização deste estudo. No quadro abaixo, estão organizadas informações detalhadas sobre o perfil de cada participante, suas trajetórias e vínculos com a comunidade. Tais informações foram essenciais para compreendermos o papel que cada um desempenha na continuidade da tradição religiosa e cultural no cotidiano local.

Quadro 3 - Identificação geral dos (as) participantes da pesquisa

Nome Fictício	Idade	Sexo	Residência Atual	Profissão	Participação nas rezas
Maria	64 anos	Feminino	Morro do Sobrado	Lavadora	Rezadeira mais experiente da comunidade.
Ana	55 anos	Feminino	Morro do Sobrado	Lavadora	Segunda Rezadeira mais experiente da comunidade.
Rita	44 anos	Feminino	Pindaí (Sede)	Manicure	Participa ativamente das rezas desde a infância.
Cassia	41 anos	Feminino	Morro do Sobrado	Artesã	Participa ativamente das rezas desde a infância.

Luzia	38 anos	Feminino	Morro do Sobrado	Professora	Participa ativamente das rezas desde a infância.
Bárbara	34 anos	Feminino	Pindaí (Sede)	Artesã	Participa ativamente das rezas desde a infância.
Antônio	21 anos	Masculino	Pindaí (Sede)	Carpinteiro	Jovem interessado, participa das rezas e está aprendendo a tradição.

Fonte: Dados da pesquisa, 2025

É importante ressaltarmos que, apesar de alguns participantes residirem atualmente na sede do município de Pindaí, todos possuem um forte vínculo com a comunidade de Morro do Sobrado. Mesmo após se mudarem para a sede, eles sempre retornam ao referido local para participar dos momentos de celebração das rezas. Esse movimento reforça a importância da continuidade da tradição e confirma o papel ativo dessas pessoas na preservação da identidade e da memória coletiva desse espaço.

4 PERSPECTIVAS TEÓRICAS PARA O ESTUDO DAS REZAS

Este capítulo apresenta os principais aportes teóricos que orientaram a investigação, com destaque para as contribuições da história cultural e suas noções de representação e apropriação, além de reflexões sobre os saberes culturais, a oralidade e a memória coletiva. Tais perspectivas oferecem subsídios para compreender como as rezas são transmitidas e apropriadas pelos sujeitos ao longo do tempo, configurando-se como uma tradição religiosa e cultural passada de geração em geração no cotidiano local.

4.1 A história cultural e as noções de representação e apropriação

Considerando as especificidades deste estudo, é relevante situar a presente pesquisa no campo da história cultural, visto que essa abordagem possibilita compreender como a prática das rezas contribui para a preservação das culturas que permeiam a sociedade. Para o historiador Roger Chartier, o principal objetivo da história cultural é “identificar o modo como, em diferentes lugares e momentos, uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler” (Chartier, 2002, p. 16-17). Dessa forma, entende-se que as realidades sociais não são universais ou estáticas, mas sim construídas, pensadas e interpretadas de maneiras distintas, de acordo com o tempo e o espaço em que estão inseridas (Chartier, 2002).

Para compreender a abordagem teórica da história cultural proposta pelo mesmo autor, é necessário interpretar as noções de “representação” e “apropriação”, as quais ele considera fundamentais para essa discussão. A noção de representação é utilizada quando se pretende “[...] compreender o funcionamento da sociedade ou definir as operações intelectuais que permitem apreender o mundo. Há aí uma primeira e boa razão para fazer dessa noção a pedra angular de uma abordagem a nível da História Cultural” (Chartier, 2002, p. 23). Por isso, evidencia-se a sua relevância para a compreensão das dinâmicas sociais no contexto dessa prática cultural.

Conforme Chartier, a noção de representação está baseada na articulação entre

[...] três modalidades de relação com o mundo social: em primeiro lugar, o trabalho de classificação e de delimitação que produz as configurações intelectuais múltiplas, através das quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos; seguidamente, as práticas que visam fazer reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de estar no mundo, significar simbolicamente um estatuto e uma posição; por fim, as

formas institucionalizadas e objetivadas graças às quais uns representantes (instâncias coletivas ou pessoas singulares) marcam de forma visível e perpetuada a existência do grupo, da classe ou da comunidade (Chartier, 2002, p. 23).

Ao interpretar a ideia supracitada, compreende-se que a prática das rezas pode ser entendida como uma forma de representação, uma vez que permite ser analisada a partir das três modalidades de relação com o mundo social. Essa prática classifica e delimita os grupos religiosos, auxilia no reconhecimento de sua identidade social, reafirma sua maneira de estar no mundo e confere-lhes, simbolicamente, um estatuto e uma posição de destaque no contexto social e religioso. Além disso, marca e reforça, de forma significativa, a existência e a continuidade da comunidade religiosa ao longo do tempo.

De acordo com Chartier (2002), outro elemento fundamental no estudo da história cultural é a noção de apropriação, que tem por objetivo “uma história social das interpretações, remetidas para as suas determinações fundamentais (que são sociais, institucionais, culturais) e inscritas nas práticas específicas que as produzem” (Chartier, 2002, p. 26). Sendo assim, é importante compreender as práticas de apropriação num contexto mais amplo, já que elas ressignificam ideias e criam novas interpretações acerca de determinados objetos, práticas ou conceitos. “[...] Daí o reconhecimento das práticas de apropriação cultural como formas diferenciadas de interpretação” (Chartier, 2002, p. 28).

Ao considerarmos essa noção de apropriação, torna-se possível entender como as rezas são praticadas e vivenciadas pelos fiéis, a partir da interpretação que desenvolvem sobre elas. É importante destacar que essas práticas podem ser continuamente reinterpretadas, conforme as necessidades espirituais de seus praticantes e o contexto vivenciado. Assim, conclui-se que as noções de representação e apropriação se complementam e são essenciais para uma compreensão abrangente da história cultural, bem como das práticas que nela estão inseridas.

4.2 Refletindo sobre os saberes culturais e sua relação com a oralidade e a memória coletiva

O Brasil é um país conhecido mundialmente por sua rica diversidade cultural, a qual se expressa através das diferentes tradições, manifestações religiosas, aspectos culinários, costumes, entre outros elementos presentes na realidade da vasta gama de comunidades que compõem o seu território. Sobretudo naquelas situadas no campo, onde essa riqueza cultural se manifesta fortemente através dos saberes e práticas culturais, os quais “são marcados por uma

cultura corporal simbólica, que traz um acúmulo de conhecimento produzido por várias gerações; conhecimentos que expressam as formas de viver e compreender o mundo, as representações, e valores sociais” (Santos, 2007, p.38).

Tal perspectiva dialoga diretamente com o que defende Pesavento (2003, p. 15) cuja afirmação diz: “a cultura é ainda uma forma de expressão e tradução da realidade que se faz de forma simbólica, ou seja, admite-se que os sentidos conferidos às palavras, às coisas, às ações e aos atores sociais se apresentam de forma cifrada, portanto já carregam um significado e uma apreciação valorativa [...]”. Nesse contexto, é possível compreender a importância da cultura, posto que ela se apresenta como uma base simbólica que possibilita as comunidades construir e compartilharem seus saberes, atribuindo-lhes uma série de sentidos e significados. A esse entendimento, soma-se a reflexão de Silva (2022), que amplia a discussão ao afirmar:

Pensar a cultura consiste em se ocupar do conjunto de saberes e práticas que, de lugar em lugar, formam os valores, crenças, ações e afetividades de um povo, tendo em vista que se trata de um fenômeno que os acompanha desde o nascimento, quando se interioriza a cultura do lugar mediante inúmeras questões que perpassam a existência, tais como o linguajar de familiares e as tradições que são repassadas de geração a geração (Silva, 2022, p. 23).

Além disso, é fundamental considerar que a força desse conjunto de saberes e práticas culturais está diretamente relacionada à sua vinculação profunda com a experiência coletiva e o território. Segundo Bosi (1987, p. 11), “a condição material de sobrevivência das práticas populares é o seu enraizamento”, ou seja, sua permanência está ligada ao vínculo que se estabelece com os modos de vida de um determinado espaço, nos quais esses saberes e práticas estão imersos. Ainda nessa perspectiva, Bosi (1987, p. 16), reforça que “o ser humano tem uma raiz por sua participação real, ativa e natural na existência de uma coletividade que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro”.

Isso nos mostra que os saberes e práticas culturais sobrevivem e renovam-se quando há uma relação ativa entre o grupo, sua história e a memória coletiva, articulando passado e presente em uma dinâmica que fortalece a identidade comunitária. E no que diz respeito ao modo como os saberes culturais são compartilhados, Oliveira (2017) afirma que esse processo ocorre de forma espontânea por meio da oralidade e pode manifestar-se tanto no âmbito da convivência familiar quanto no contexto social mais amplo.

Tal aspecto relaciona-se diretamente à realidade vivenciada na comunidade de Morro do Sobrado, onde a prática das rezas antigas configura-se como um saber religioso e cultural passado de geração em geração por meio da oralidade, o que contribui significativamente para a preservação da memória coletiva e para a continuidade das tradições locais.

Nesse processo, consideramos que a forma oral é um dos elementos fundamentais, pois ela permite a transmissão de saberes de forma viva e contextualizada. Ademais, concordamos com Paul Zumthor (2010, p. 217) quando diz: “a oralidade não se reduz à ação da voz. Expansão do corpo, embora não o esgote. A oralidade implica tudo o que, em nós, se endereça ao outro: seja um gesto mudo, um olhar”. Compreende-se, então, que a comunicação oral não se limita à fala, mas envolve a presença, a escuta e a interação entre os sujeitos, fortalecendo os laços sociais e culturais.

Partindo da perspectiva de interação dos sujeitos por meio da oralidade e considerando também que os saberes são passados de geração em geração, é fundamental destacar o papel da escuta aos mais velhos, uma vez que eles são os guardiões desse amplo repertório cultural. Como esclarece Bosi (1994),

Um mundo social que possui uma riqueza e uma diversidade que não conhecemos pode chegar-nos pela memória dos velhos. Momentos desse mundo perdido podem ser compreendidos por quem não os viveu e até humanizar o presente. A conversa evocativa de um velho é sempre uma experiência profunda: repassada de nostalgia, revolta, ressignificação pelo desfiguramento das paisagens caras, pela desaparecimento de entes amados, é semelhante a uma obra de arte. Para quem sabe ouvi-la, é desalienadora, pois contrasta a riqueza e a potencialidade do homem criador de cultura com a mísera figura do consumidor atual (Bosi, 1994, p. 82-83).

Dessa forma, ao analisarmos a proposição de Bosi (1994), compreendemos que, por meio desse movimento de escuta atenta e sensível, mediado pela oralidade, torna-se possível acessar narrativas que, até então, ainda não conhecíamos. É nesse momento que, passamos a compreender os saberes, as práticas culturais, as tradições e outros elementos que, em sua maioria, foram vivenciados de forma coletiva no seio da comunidade. Assim, o que se revela não é somente a memória individual, mas sim uma memória coletiva portadora de aspectos marcantes da herança cultural local. Como aponta o historiador Pierre Nora (1993),

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações[...] (Nora, 1993, p. 9).

Logo, entendemos que, através da memória coletiva, é possível reinterpretar e revisitar o passado. Sabemos que a memória é flexível, pode ser influenciada por forças sociais e culturais e encontra-se propensa a esquecimentos e lembranças seletivas. Porém, ao reconhecê-la como algo vivo e em constante evolução, é importante agir de forma crítica para compreender a influência que o presente exerce na rememoração do passado (Nora, 1993).

Conforme uma citação de Pierre Nora, mencionada por Jacques Le Goff (1990), a memória coletiva pode ser definida como “o que fica do passado no vivido dos grupos ou o que os grupos fazem do passado” (1990, p. 473). Ao refletirmos sobre essa definição de memória coletiva, identificamos a sua importância para compreendermos o cenário religioso e cultural da comunidade de Morro do Sobrado, onde a prática das rezas é considerada uma tradição religiosa e cultural, transmitida de geração em geração. Essa tradição faz parte da memória coletiva dessa localidade e é, portanto, o que ficou do passado para o coletivo que a compõe. Daí, fica evidente a relevância da memória coletiva, pois as rezas continuam sendo uma parte ativa do cotidiano da comunidade.

A partir das reflexões supracitadas, compreendemos que a memória coletiva, sustentada pela oralidade, desempenha um papel relevante na preservação dos saberes e práticas culturais. Ela permite que tradições como as rezas locais permaneçam vivas e significativas ao longo do tempo, mantendo vivo o legado histórico e cultural do lugar. Essas ponderações e todos os conceitos discutidos ao longo deste capítulo são fundamentos essenciais para o entendimento da prática das rezas no contexto da comunidade de Morro do Sobrado.

Nos capítulos seguintes, procuramos evidenciar, a partir dos relatos dos moradores e das fontes documentais, como as rezas são vivenciadas no dia a dia da comunidade, buscando identificar os saberes e práticas culturais presentes nelas, bem como os sentidos, as representações e os desafios envolvidos na preservação dessa tradição.

5 AS REZAS DA COMUNIDADE DE MORRO DO SOBRADO: SABERES, PRÁTICAS, MODOS E FORMAS DE MANIFESTAÇÃO DA FÉ

Neste capítulo, apresentamos um panorama detalhado sobre as rezas da comunidade de Morro do Sobrado, com base nos dados produzidos ao longo da pesquisa. A partir dos relatos orais e das fontes documentais, buscamos mostrar como se deu a origem dessa tradição no contexto local, considerando sua trajetória histórica e cultural. São abordadas as principais rezas praticadas, os modos e formas de manifestação da fé, bem como os saberes e práticas culturais que permeiam essa tradição religiosa preservada no cotidiano da comunidade.

5.1 Refletindo sobre a origem da tradição das rezas em Morro do Sobrado

Quando investigamos de maneira aprofundada um determinado lugar, buscamos, desde o princípio, identificar os aspectos que o tornam singular, sejam de natureza cultural, religiosa ou arquitetônica, uma vez que esses elementos definem as especificidades daquele espaço distinguindo-o dos demais. Nesse sentido, ao explorarmos as experiências da comunidade de Morro do Sobrado, percebemos uma presença muito forte da religiosidade, já que se preserva a tradição das rezas antigas, a qual se encontra enraizada na memória coletiva local.

Segundo o Dicionário Online de Português (Dicio), a palavra “reza” é definida como o “ato ou efeito de rezar, de suplicar a Deus ou aos santos” e também como “prece, oração”. Embora essa definição se refira diretamente ao campo religioso, no contexto da comunidade de Morro do Sobrado, observa-se que a reza ultrapassa esse sentido, assumindo uma dimensão muito mais ampla. Compreendê-la é também uma forma de conhecer as vivências e a memória dos moradores habitantes dali, visto que ela está entrelaçada ao cotidiano das pessoas. Tal percepção se confirma à medida que, ao longo das narrativas orais, emergiram lembranças da infância, ensinamentos transmitidos entre gerações e vínculos afetivos construídos em torno das rezas, que resistem ao tempo e fortalecem o sentimento de pertencimento à comunidade.

De acordo com o relato de Dona Maria, uma das rezadeiras mais experientes da comunidade, a tradição das rezas iniciou-se no ano de 1980, na casa de seus pais, por intermédio de sua mãe Benedita Ribeiro Cardoso. Desde então, passou a fazer parte do costume familiar e coletivo, reunindo vizinhos e parentes para rezar a ladainha, o ofício e o terço em louvor a Nossa Senhora Aparecida. Ela relembra com carinho como tudo se iniciou:

Começou assim... foi minha falecida mãe que começou com a reza aqui em casa, eu tinha 21 anos de idade, nessa época. Naquele tempo era mais difícil, mas ela fazia com fé, chamava os vizinhos, a família, e a gente rezava a ladainha, o ofício e o terço sempre com muita devoção (Maria, 28/04/2025).

O testemunho de Dona Maria nos revela que o surgimento das rezas está diretamente relacionado às vivências familiares e comunitárias. Não se trata apenas de uma manifestação religiosa, mas de uma prática que atravessa gerações, visto que ela menciona: “eu aprendi com minha falecida mãe, que já tinha aprendido antes com os antepassados dela, meu filho. Depois que ela faleceu, eu continuei celebrando as rezas antigas até hoje pra tradição não se acabar” (Maria, 28/04/2025).

Dessa maneira, percebe-se que os saberes ligados às rezas são preservados por meio das vivências cotidianas, dos ensinamentos transmitidos de mãe para filha, de geração para geração. A oralidade desempenha um papel central nesse processo, aliás, é o principal meio de transmissão das práticas de rezas, que resistem ao tempo mesmo diante das transformações sociais e culturais vividas pela comunidade. Em relação a isso, Souza (2020) destaca que,

[...] nas ladainhas a tradição oral também é a grande escala da vida. O ritual só resiste há anos através da oralidade, pois sem ela não seria possível a renovação e concretização de inúmeras ladainhas. É através da oralidade, por exemplo, que a maior parte dos saberes é compartilhado entre os rezadores habilitados e aprendizes (Souza, 2020, p. 103).

Por isso, compreendemos a oralidade não apenas como uma forma de comunicação, mas sim como um meio de preservação e continuidade cultural, uma vez que a tradição resiste ao longo do tempo justamente através desse movimento, no qual os rezadores mais experientes vão compartilhando seus saberes com os mais jovens, os chamados aprendizes. Assim, a oralidade torna-se um elemento fundamental para a continuidade das rezas, fortalecendo a identidade religiosa e cultural da comunidade.

Em Morro do Sobrado, o fortalecimento dessa identidade foi intensificando-se com o passar dos anos, principalmente após a construção da igreja, que se tornou um marco significativo no cenário religioso local. Em seu relato, Dona Maria menciona:

Foi no ano de 83 [1983] que a gente começou a construção da capela, meu pai Bento Gomes Cardoso deu o terreno, mas foi muito difícil colocar ela de pé, ela ficou parada uns dois anos, só depois foi que conseguimos terminar, na época precisou de muitas doações para terminar, muita gente ajudou viu! (Maria, 28/04/2025).

A partir desse relato, é possível compreendermos a importância da coletividade enquanto um dos elementos que estruturam a vida em comunidade. Através da fala de Dona Maria, percebemos que a igreja foi erguida por meio de um movimento coletivo, em que todos se mobilizaram em torno de um objetivo comum. Dessa forma, fica evidente a força da religiosidade e da tradição nesse território, pois todos se uniram para que a construção da capela se materializasse e saísse do papel. Esse movimento foi tão significativo que atravessou gerações, alcançando até mesmo os mais jovens, como podemos identificar no relato de Cássia, por exemplo, quando relembra com carinho os tempos de sua infância, dizendo:

Eu lembro, desde muito pequena, eu na igreja, durante o tempo da construção da igreja, da finalização da igreja... Eu me lembro. Lembro dos pedreiros fazendo o telhado, lembro muito bem do altar sendo construído, da gente enchendo o altar de terra. E tão pequena eu era, que eu carregava a terra num litro de lata de óleo, porque eu era muito pequena (Cássia, 10/05/2025).

A exposição de Cássia anuncia como todos estavam em sintonia unidos pela fé e devoção durante o período de construção da capela, incluindo também as crianças, que estavam ali ajudando da maneira como podiam na edificação. Com isso, percebemos que, desde cedo, elas já se inseriam em um ambiente marcado pelo pertencimento e compromisso com a fé coletiva.

Alguns anos depois, mais especificamente no ano de 1986, com a construção da igreja já finalizada, novas possibilidades de vivência da religiosidade concretizaram-se na comunidade. Os momentos de celebração das rezas, antes realizados nas casas das famílias, passaram a acontecer na igreja e, a partir disso, iniciou-se a tradição de celebrar o festejo em louvor a Nossa Senhora. Dona Maria recorda: “a gente já celebrava o dia de Nossa Senhora Aparecida aqui em casa, na casa de pai, mais a novena a gente só começou rezar depois que construiu a igreja” (Maria, 28/04/2025). A imagem a seguir nos mostra a igreja construída entre os anos de 1983 e 1986.

Figura 5 - Igreja da comunidade de Morro do Sobrado construída na década de 1980



Fonte: Arquivo pessoal, 2018.

A partir da construção da igreja, o festejo celebrado anualmente no mês de outubro foi ganhando cada vez mais força e consolidou-se como um dos momentos mais importantes e esperados do ano pelos moradores da comunidade. Nesse contexto, a tradição das rezas resiste firmemente, tornando-se um verdadeiro marco da memória coletiva e da resistência cultural, em que a fé, a devoção e os saberes compartilhados expressam com profundidade a identidade construída nesse território.

As memórias dos moradores, carregadas de sentimentos, evidenciam aspectos importantes das vivências cotidianas da comunidade, os quais, ao serem compartilhados com as novas gerações, constituem o que o sociólogo Michael Pollak (1989) denomina de memória coletiva. Para ele:

A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra, como vimos, em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações, etc. A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade, mas também as oposições irreduzíveis (Pollak, 1989, p. 9).

Desse modo, percebe-se que a tradição das rezas da comunidade e os relatos que a acompanham integram essa “operação coletiva” da memória, na qual o passado é

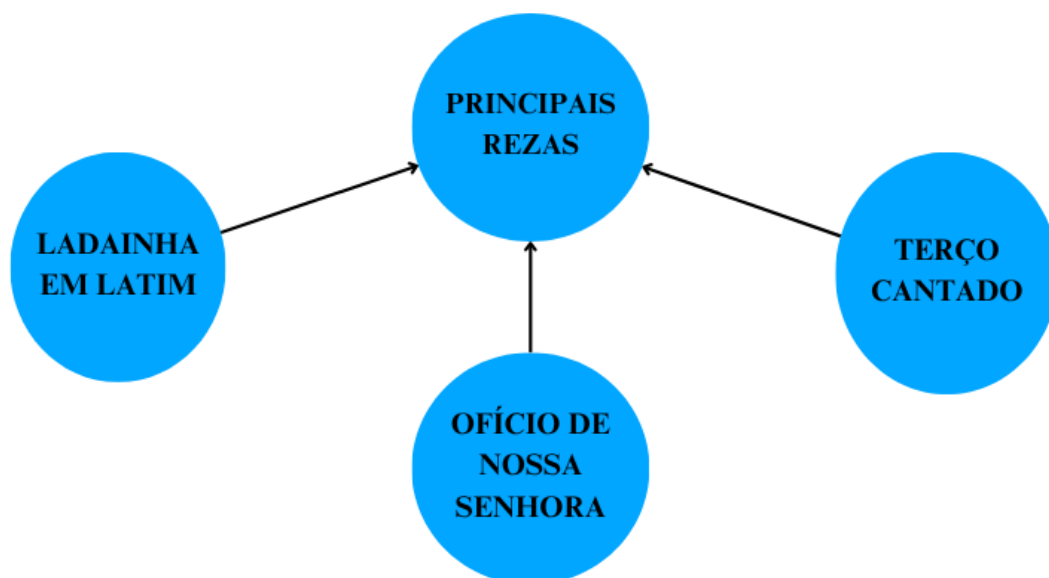
constantemente reatualizado à medida que a tradição resiste ao tempo e às mudanças ocorridas no decorrer dos anos.

5.2 As principais rezas praticadas no cotidiano da comunidade

O ato de rezar é uma prática de relevância em muitos espaços do território brasileiro, sobretudo no cotidiano das comunidades situadas no campo, a exemplo de Morro do Sobrado, onde as rezas antigas são reconhecidas como uma tradição religiosa e cultural marcada pela união e devoção. Na referida comunidade, a celebração das rezas constitui-se em um momento coletivo, em que todos os moradores se reúnem para agradecer a Deus e a Nossa Senhora Aparecida pela dádiva da vida, pelas graças alcançadas e também para fazer novos pedidos.

Durante esse momento de fé e devoção, costuma-se rezar a ladainha em latim, o ofício e o terço, considerados as principais rezas praticadas na comunidade, conforme Cássia evidencia ao nos dizer: “hoje nós seguimos nossa vida na igreja, celebrando nossa ladainha em latim, nosso ofício, o terço, a nossa reza tradicional mesmo, a gente celebra até hoje” (Cássia, 10/05/2025). A imagem em sequência nos mostra uma representação das três principais rezas identificadas no contexto da pesquisa.

Figura 6 - Representação das principais rezas praticadas em Morro do Sobrado



Fonte: Dados da pesquisa

Ao considerarmos as três rezas representadas na imagem anterior e tão presentes nas vivências locais, é importante apresentarmos algumas reflexões teóricas sobre o seu significado histórico e simbólico. A ladainha, por exemplo, é considerada uma das rezas que remontam aos primeiros séculos do Cristianismo. Nesse contexto, Damino (1957, p. 222) destaca que “o vocabulário ladainha indicou sempre a forma de oração coletiva que foi empregada, desde os primeiros séculos, pelos cristãos que iam em procissão às diversas igrejas ou estações para assistir ao divino Sacrifício, segundo a liturgia do dia”.

Sendo assim, percebemos que ela é uma reza secular que nos remete ao modo como os primeiros cristãos expressavam sua fé e devoção, buscando a presença divina por meio da oração coletiva e das peregrinações. De acordo com Le Goff (1979, p. 213), a origem das ladainhas no catolicismo “é datada dos séculos V e VI d.C. Foram instituídas, segundo a tradição, por S. Mamert, bispo de Viena (falecido em 474 d.C.), num contexto de calamidades, e rapidamente se estenderam a toda a cristandade”. Desse modo, pode-se afirmar que a ladainha surgiu como uma forma de súplica diante das adversidades, consolidando-se ao longo do tempo como uma prática poderosa de oração, preservada ainda hoje em alguns espaços, inclusive nas vivências religiosas da comunidade de Morro do Sobrado.

Outra reza mencionada por Cássia em seu relato é o ofício de Nossa Senhora, que ocupa um lugar de destaque no cenário religioso da comunidade. Trata-se de uma oração coletiva rezada frequentemente durante as celebrações religiosas realizadas ali. Segundo o pesquisador Fernando Campos Beiter (2012), o ofício

Foi escrito em meados do século XV e segue a divisão da oração do breviário antigo nas horas de Matinas, Prima, Tércia, Sexta, Nôa, Vésperas e Completas. Mas enquanto a oração do breviário é rezada parceladamente de manhã, ao meio-dia, de tarde e de noite, o ofício popular de Nossa Senhora é rezado de uma só vez, por exemplo, nas igrejas paroquiais todo sábado à tarde (Beiter, 2012, p. 435).

Entretanto, é pertinente destacar que, em Morro do Sobrado, o ato de rezar o ofício não se restringe apenas ao dia de sábado à tarde, como enfatiza o autor supracitado, pois essa oração ocorre com maior frequência durante a noite, às quartas-feiras e aos sábados, conforme os costumes locais. Tal prática revela a importância do ofício na vida religiosa local e também o modo como ele é apropriado e ressignificado pela comunidade, considerando o seu próprio contexto de convivência. Esse movimento se alinha à perspectiva de Chartier (2002) no que diz respeito à noção de apropriação, segundo a qual os grupos sociais reinterpretem e transformam

as práticas herdadas, conferindo-lhes novos sentidos e significados a partir de suas experiências e vivências cotidianas.

Por último, destaca-se o terço, reza que rememora os mistérios da vida de Cristo e de Maria, bastante praticada nas celebrações religiosas da comunidade. Assim como a ladainha e o ofício, essa oração é realizada de forma coletiva e conta com a participação efetiva dos moradores locais que se reúnem para vivenciar esse momento de fé e devoção. Segundo o pesquisador Carvalho (2015), o terço

É uma oração que faz parte do patrimônio espiritual da Igreja Católica. Nele, reza-se o credo que contém toda a profissão de fé da Igreja. Reza-se, várias vezes, o Pai-Nosso, que é a oração ensinada pelo próprio Jesus e recitam-se dezenas de Ave-marias. Na verdade, é a terça parte (terço) de outra oração mais longa, o rosário (Carvalho, 2015, p. 51).

A partir desta compreensão de Carvalho (2015), que reconhece o terço como parte do patrimônio espiritual da Igreja Católica, percebemos que a reza do terço, ao lado da ladainha e do ofício, forma um conjunto de práticas que ultrapassam o aspecto religioso, adquirindo um valor cultural significativo nas vivências da comunidade. Nesse sentido, as rezas praticadas em Morro do Sobrado podem ser reconhecidas como parte de seu Patrimônio Cultural Imaterial, uma vez que representam um saber transmitido oralmente entre as gerações. A este respeito, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) traz a seguinte reflexão:

Os Bens Culturais de Natureza Imaterial dizem respeito àquelas práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas; e nos lugares (como mercados, feiras e santuários que abrigam práticas culturais coletivas) (Iphan, 2021, n.p.).

Dessa forma, as rezas presentes na comunidade de Morro do Sobrado, juntamente com os cantos, gestos e demais elementos que as acompanham, apresentam-se como práticas culturais coletivas importantes, uma vez que são preservadas ao longo do tempo e seguem a mesma sequência estabelecida desde o início das celebrações pela rezadeira responsável por iniciar essa tradição local. Tal permanência torna-se evidente no relato de Luzia, quando nos diz: as rezas “foram repassadas de geração em geração e chegam até nossos dias... tem gestos que vi minha avó fazer que refaço hoje quando estou nesses momentos... o jeito que minha mãe e minha tia cantam essas rezas é realmente algo característico da nossa comunidade” (Luzia, 11/05/2025).

Vale destacar que a avó mencionada no relato de Luzia foi a rezadeira responsável por iniciar a prática das rezas na comunidade, o que reforça a importância das mulheres, já que elas, em sua maioria, conduzem os momentos de oração, repassam os seus saberes para as novas gerações e, conseqüentemente, atuam diretamente na preservação da memória coletiva local. Assim, ao destacarmos a centralidade das rezadeiras nesse contexto, reconhecemos também o lugar de destaque que elas ocupam na história da localidade ao atuarem como guardiãs desse saber religioso e cultural que atravessa gerações.

5.3 Modos e formas de manifestar a fé: saberes e práticas da comunidade

Refletir sobre os modos e formas de manifestar a fé na comunidade de Morro do Sobrado é, acima de tudo, adentrar em uma dimensão simbólica e afetiva que expressa em cada gesto, palavra e canto, a força da memória daqueles que vieram antes de nós e, com muito esforço e fé, dedicaram parte da sua vida à religiosidade local.

As rezas, nesse caso, não se resumem a apenas uma prática religiosa formal, mas constituem-se como um saber ancestral, que é transmitido por meio da oralidade e ressignificado no cotidiano, ou seja, ganha contornos próprios na vivência diária da comunidade. O jeito de rezar, o tom das vozes, os cantos que encerram as celebrações e os demais elementos presentes no momento das orações revelam um conjunto de saberes e práticas enraizado na cultura do lugar, como afirma Cássia ao nos dizer: “essas rezas carregam algumas características próprias mesmo, da nossa cultura local, da cultura da nossa comunidade, que a gente consegue manter” (Cássia, 10/05/2025).

Essas características manifestam-se ainda mais no relato de Dona Maria, que, aos seus 64 anos, é uma das responsáveis por manter viva essa tradição religiosa e cultural na comunidade. Ao recordar sua experiência, ela descreve a forma como as celebrações das rezas em Morro do Sobrado se iniciam:

As rezas acontecem na igreja da comunidade, sempre à noite. A gente inicia a reza cantando aquele cântico que diz assim: Nossa novena será abençoada, porque o Senhor vai derramar o seu amor. Nossa igreja será abençoada, porque o Senhor vai derramar o seu amor. Derrama, Senhor, derrama sobre nós o seu amor. A gente canta pra pedir proteção e pra abençoar nossa reza (Maria, 28/04/2025).

Após esse início marcado pelo canto, geralmente entoado para pedir a bênção e a proteção para todos ali reunidos, a comunidade dá continuidade à celebração com o terço, o

qual assume uma forma própria na tradição local, em virtude de ser rezado em um ritmo cantado, conforme explica Dona Maria: “depois do canto, a gente dá início ao terço. Aqui, a gente reza ele cantado. Vai cantando os Pai-Nossos, as Ave-Marias, a gente sempre reza cantando. Eu aprendi assim com minha mãe, que aprendeu com a dela... e assim a gente continua” (Maria, 28/04/2025).

Nesse sentido, é possível identificar que a reza do terço em Morro do Sobrado diferencia-se pelo modo como é conduzida, pois, enquanto em outros lugares reza-se geralmente o terço de forma falada, nessa comunidade preserva-se a tradição de rezá-lo de forma cantada. Esse modo de rezar, para além de caracterizar a singularidade da prática local, também revela aspectos mais amplos dessa tradição no universo da religiosidade popular no Brasil. Na verdade, os terços cantados,

[...] em suas peculiaridades linguísticas e sócio-religiosas, são, em primeiro ponto de vista, o da história da colonização brasileira, a mescla reinventada do catolicismo português, trazido por jesuítas e missionários e disseminado para o interior do país, com uma proposição muito particular, a de ensinar a doutrina cristã em épocas mais avançadas na história da colonização (Paula e Duarte, 2010, p.406).

Nessa perspectiva, compreendemos que os terços cantados são expressões religiosas que remontam aos primeiros processos de evangelização no Brasil durante o seu período de colonização. Trata-se de uma tradição que, apesar de carregar, em sua essência, as marcas do catolicismo colonial trazido pelos jesuítas e missionários, foi sendo apropriada e reinventada pelas comunidades rurais ao longo do tempo. Em Morro do Sobrado, essa reinvenção concretiza-se na oralidade, na musicalidade e na forma como essa reza é cantada durante as celebrações religiosas em louvor à santa padroeira da comunidade.

Segundo o pesquisador Michael Iyanaga (2018), a escolha por rezar cantando não é aleatória ou automática, “as pessoas decidem cantar, elas querem cantar. O canto puxa mais participação, o que reforça o lembrar do santo, que seria uma das motivações da reza como ato de devoção” (Iyanaga, 2018, p. 185). Com isso, percebe-se a importância do canto nas rezas, uma vez que ele promove uma participação ativa dos moradores, fortalecendo a devoção aos santos e santas homenageados na ocasião. Além do mais, conforme Iyanaga (2018), “cantar seria a melhor maneira de comunicar os saberes que estão expostos e implícitos nas rezas” (Iyanaga, 2018, p. 185).

Entre esses saberes comunicados pelo canto, podemos destacar o saber musical, que permeia toda a reza do terço, da ladainha, do ofício e dos demais cantos entoados na ocasião, manifestando-se na escolha das melodias, na forma de entoar as palavras e na distribuição das vozes. Trata-se, portanto, de uma sabedoria que atravessa gerações e sustenta-se por meio da memória, da oralidade e, sobretudo, da escuta sensível; não por acaso, as rezadeiras que hoje dão continuidade à prática das rezas na comunidade relatam ter aprendido escutando suas mães e avós durante as celebrações, o que revela um conhecimento musical próprio do grupo.

Após o término do terço cantado, inicia-se a ladainha de Nossa Senhora, também portadora de uma grande riqueza simbólica e afetiva no contexto local. A ladainha, na maioria das vezes, é rezada de forma cantada; a forma falada ocorre apenas nas ocasiões em que há um número reduzido de participantes, conforme relata Dona Maria. Em suas palavras, ela nos diz: “terminando o terço, aí inicia a ladainha, que a gente reza cantada, toda em latim. Só quando tem pouca gente é que a gente reza falado mesmo” (Maria, 28/04/2025). Percebe-se então que, diferente do terço, rezado em português, a ladainha é tradicionalmente entoada em latim. A seguir, transcrevemos a letra da ladainha em latim, a qual é preservada e cantada pela comunidade durante os momentos de celebração:

Letra da Ladainha em Latim

Que rieleizone
Que esteleizone
Esteiz ao de nosso
Mizarerinobis

Pátria dicelis Deus
Filho redentor e mãe de Deus
Espírito Santo Deus
Mizarerinobis

Santa trinitaza nos Deus
Santa Maria
Santa Dejenites
Orais por nobis

Santa virgovigina
Matelecristo
Mata divina Graça
Orais por nobis
Mate em Puríssima
Mate em Casticima
Mata em Violata
Orais por nobis

Mata encrinatorio
 Mata ensalvatorio
 Virgue prodentista
 Orais por nobis

Virgue o veneranda
 Virgo ao pé de candia
 Virgue o pote
 Orais por nobis

Virgo o creme
 Virgo o fidelis
 Espeque na justica
 Orais por nobis

Se de Sampiencia
 Cauza nobre estrela triste
 Vos espiritual
 Orais por nobis

Vos anoral
 Vos insignavasionê
 Rozeramistica
 Orais por nobis

Tore das virgens
 Tore zebu
 Da minuzarca
 Orais por nobis

Cedilisarca
 Joanoancel
 Estrela matutina
 Orais por nobis

Salva os enfermos
 Refuge os pecadores
 Consola os Alfritorios
 Orais por nobis

Rege em profetorio
 Rege emportalore
 Rege nas matinas
 Orais por nobis

Regina confessorio
 Rege nas virgens
 Regina Santa Ruana
 Orais por nobis

Rege Sagratismo o meu ruzarro
 Rege Imaculada Conceicione

Nossa senhora Aparecida
Orais por nobis

Ai que nos Deus todos peca termundo
Paus de nos Sedamine

Ai que nos Deus todos peca termundo
Zau de nos Sedamine

Ai que nos Deus todos pecado termundo
Mizarerinobis

Fonte: Caderno de rezas, 2025

A presença do latim no canto da ladainha reforça, ainda mais, o seu caráter ancestral. É possível notar que, mesmo sem possuir domínio da língua, as rezadeiras da comunidade preservam esse “latim de ouvido”, reinterpretado à sua maneira, e mantêm viva essa expressão linguística por meio da oralidade. Ao recitar palavras tradicionais em latim, elas reinterpretam-nas conforme o dialeto local, numa espécie de “latinório”, o que demonstra a força da memória coletiva e a criatividade das comunidades a medida em que se apropriam e reinterpretam essa linguagem, considerando o seu cotidiano e a sua realidade cultural e linguística (Paula e Duarte, 2010).

Essa dinâmica de apropriação e reinterpretação que as rezadeiras realizam com maestria revela a presença de um saber poético, o qual se expressa no ritmo, na cadência e na expressividade com que as palavras são entoadas, aproximando a prática da reza, tanto cantada quanto falada, da poesia. Segundo Zumthor (2010, p. 31), “a performance é a ação complexa pela qual uma mensagem poética é simultaneamente, aqui e agora, transmitida e percebida”, sendo a única forma de comunicação verdadeiramente poética.

Dessa maneira, é possível afirmar que as ladainhas em latim, assim como as demais rezas da comunidade, podem ser compreendidas como manifestações de poesia oral, uma vez que, “entre um ritual no sentido religioso estrito e um poema oral poderíamos avançar, dizendo que a diferença é apenas de presença ou ausência do sagrado” (Zumthor, 2007, p. 45). Sob esse olhar, podemos considerar que as rezadeiras da comunidade são, à sua maneira, poetas da voz, pois “o poeta subentende vários papéis, seja tratando-se de compor um texto ou de dizê-lo” (Zumthor, 2010, p. 234).

A ladainha rezada na comunidade também é acompanhada por gestos e elementos simbólicos. Ao descrever como acontece a oração, Dona Maria relembra:

A gente reza a ladainha sentado mesmo, assim... tem algumas pessoas que ajoelham, em agradecimento a alguma graça alcançada ou pra cumprir uma promessa. Durante a reza da ladainha, tem os momentos de solta de fogos. Quando chega na parte que fala “Nossa Senhora Aparecida, rogai por nós”, é o momento em que solta os fogos, aí dá continuidade. Logo depois, tem o oferecimento da ladainha, e aí reza a Salve Rainha. Depois da Salve Rainha, termina a ladainha (Maria, 28/04/2025).

A partir da narrativa de Dona Maria, torna-se possível uma compreensão detalhada sobre o modo como a ladainha é celebrada e, sobretudo, acerca de sua importância no cenário religioso local, já que ela se torna um momento em que muitas pessoas presentes expressam sua fé, agradecem pelas graças alcançadas e cumprem promessas feitas em situações de dificuldade. Além disso, é possível identificar como o saber religioso se expressa de forma efetiva ao longo das celebrações, pois, através do relato de Dona Maria, percebe-se que a comunidade apresenta o domínio de um amplo repertório de orações, como o Pai-Nosso, a Ave Maria e a Salve Rainha, as quais são rezadas durante o terço e também no oferecimento da ladainha e do ofício.

Esse saber religioso também se manifesta por meio da “crença no poder que os santos têm na vida das pessoas” (Souza, 2020, p. 106). Eles são considerados “divindades que protegem o indivíduo e a comunidade contra os males e infortúnios. A relação entre o indivíduo e o santo baseia-se num contrato mútuo, a promessa” (Galvão, 1955, p. 42). No cotidiano da comunidade pesquisada, é perceptível a presença de aspectos dessa relação, conforme se pode entender no trecho seguinte: “muitos trazem velas pra acender durante a reza, como forma de pagar a promessa. Hoje em dia, as pessoas ainda conservam essa tradição de ajoelhar em alguns momentos da liturgia das rezas antigas, pra poder bendizer a Deus, né, e agradecer pelas graças alcançadas” (Cássia, 10/05/2025).

Ainda a respeito da celebração da ladainha, merece destacar que, na sequência dela, logo após o seu oferecimento, entoa-se um canto popularmente conhecido como “Bendito de Senhor Deus”, o qual possui destaque nas celebrações por realizar a transição para um momento de penitência. Segundo Dona Maria, esse canto é dividido em estrofes, sendo que nas duas primeiras reafirma-se a devoção, e na terceira, as pessoas ali presentes ajoelham-se para fazer sua penitência:

Canta as duas primeiras estrofes de Senhor Deus. A terceira estrofe é a hora de pedir: Senhor Deus, misericórdia, que todo mundo se ajoelha para fazer a penitência. Momento que não pode ser soltado fogos. E depois vem o oferecimento de toda a reza que foi rezada. A gente oferece, agradece, e aí

reza um Pai-Nosso com Ave-Maria, agradecendo a Nossa Senhora pelas graças e pedindo novas graças a Nossa Senhora (Maria, 28/04/2025).

Esse momento, marcado pelo gesto coletivo de ajoelhar-se e também pelo preceito de não soltar fogos, revela ainda mais o valor simbólico que o referido canto possui na comunidade. Trata-se de uma sequência preservada ao longo dos anos, em que cada parte da celebração possui um significado próprio, o que é demonstrado na afirmação subsequente: o modo como se reza “é realmente algo característico da nossa comunidade, que só sabe como é, quem participa e reza” (Luzia, 11/05/2025).

Os gestos, cantos e silêncios fazem parte de um saber ritual que não se encontra registrado por escrito, pois é aprendido por meio da vivência prática, em comunhão com as outras pessoas que já participam desse momento cotidianamente. Como afirma o escritor Carlos Rodrigues Brandão (2007a, p. 302), “são frequentes rotinas práticas de um aprendizado artesanal do sagrado [...] que lembram muito mais a oficina do que o seminário”. Assim, rezar, ajoelhar-se, silenciar e entoar cada canto em seu respectivo momento são ações que se aprendem coletivamente, numa espécie de oficina da fé na qual os ensinamentos atravessam gerações.

Na comunidade de Morro do Sobrado, há também os dias em que se reza o ofício de Nossa Senhora cuja celebração, segundo Dona Maria, ocorre mais especificamente às quartas-feiras e aos sábados à noite, mantendo um ritual próprio do lugar. Ela explica detalhadamente como se dá o início e a condução dessa reza:

Na quarta-feira e no sábado é rezado o Santo Ofício. Dá início à celebração da mesma forma que é rezado. Aí começa cantando assim: Deus vos salve, filho de Deus Pai. Deus vos salve, Mãe de Deus Filho, e aí reza o ofício. Rezando o ofício, só reza a ladainha. O ofício é também rezado em latim e também não solta fogos, e a gente reza ele todo sentado. Terminou o ofício, reza uma Salve Rainha em agradecimento à Nossa Senhora dos Lábios Meus, que é a protetora do Santo Ofício (Maria, 28/04/2025).

Esse modo de rezar o ofício¹⁰ evidencia o quanto as práticas religiosas da comunidade são carregadas de sentidos e significados. Cada detalhe, desde a escolha dos dias até a oração final de agradecimento à santa protetora da reza, revela uma religiosidade construída coletivamente e vivida de forma sensível, que resiste ao tempo pela força da memória coletiva,

¹⁰ A letra completa do ofício de Nossa Senhora foi transcrita do caderno de rezas e está disponibilizada no anexo A deste trabalho.

da oralidade e, sobretudo, pela presença das mulheres e dos homens que se dedicam a preservar essa tradição herdada das gerações anteriores.

Por fim, destacamos um canto considerado por muitos um marco afetivo das rezas na comunidade, ele é conhecido pelo nome de “Cantemos todos” e Cassia o descreve: “é um canto bem antigo, e que a gente consegue ainda manter a tradição de cantar sempre ao final da celebração” (Cássia, 10/05/2025). Assim como as rezas, o canto mencionado revela aspectos subjetivos profundamente entrelaçados nas experiências e na memória daqueles que, desde a infância, participam cotidianamente das práticas religiosas comunitárias. A seguir, transcrevemos a letra do canto “Cantemos Todos”, como é entoado pela comunidade ao final das celebrações:

Letra do canto tradicional “Cantemos Todos”

Cantemos todos um hino de glória
Nesta gruta divina e de luz
Bendizando a sagrada memória
Do excelso senhor bom Jesus

Senhor Bom Jesus da Lapa
A ninguém nega o favor
Seja pobre seja rico
Inocente a pecador

O que sofre e o que padece
Com peso da dura cruz
Sente que a dor a refresque
Quem invoca ao bom Jesus

Da gruta na penedia
Pedi milagres o flux
São graças de cada dia
Nos concede o bom Jesus

A nossa salvação
Amoroso bom Jesus
Que por nossa redenção
Quis morrer em uma cruz

Autor desconhecido

Fonte: Dados da entrevista, 2025

Trata-se de um canto antigo, transmitido por gerações e entoado ao final das celebrações como forma de agradecimento pela oportunidade de estar ali presente e dar continuidade à tradição. Sua permanência ao longo do tempo demonstra a importância de

preservarmos os saberes herdados de nossos ancestrais. Não há indicação de uma autoria, ou seja, de quem escreveu a letra originalmente. Consultas feitas na internet indicam que a música é um exemplo de práticas culturais, em que comunidades de diferentes lugares apropriam-se do cântico e o ressignificam a partir de suas vivências. Portanto, a autoria se perde na história.

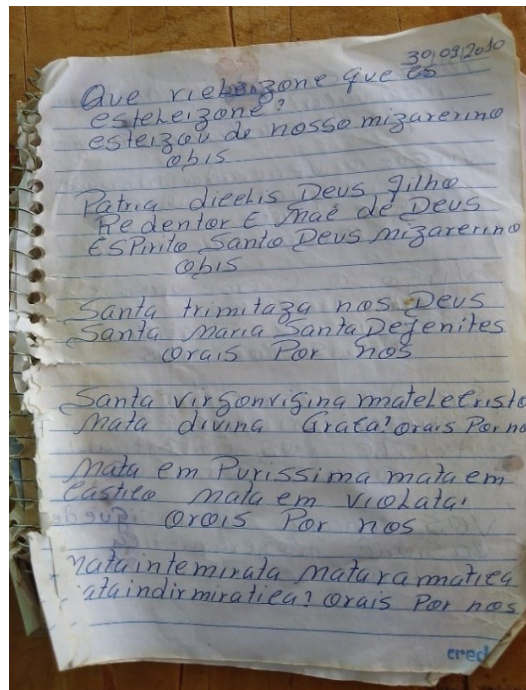
Para além da preservação da memória e dos saberes herdados das gerações anteriores, preserva-se, na comunidade investigada, um importante registro escrito utilizado durante a celebração das rezas antigas, o caderno de rezas, o qual pertence à Dona Ana, que, assim como Dona Maria, é uma das responsáveis pela continuidade das rezas em Morro do Sobrado. Elas duas são figuras centrais nesse processo de preservação, como Luzia destaca: “minha mãe e minha tia assumem o comando das rezas. Minha mãe carrega cada parte da reza na memória, juntamente com minha tia e seu caderno, que faz parte dessa história” (Luzia, 11/05/2025).

Ao comentar sobre o referido caderno durante sua narrativa, Dona Ana nos diz: “eu acompanho a reza olhando no meu caderninho que eu copiei no ano de 2010, de um outro caderno grande que ficava na casa da minha finada tia, esse caderno grande era da minha finada vó” (Ana, 28/04/2025). Ela ainda ressalta a importância desse material dizendo:

Ah, meu filho, esse caderno é uma tradição de muito tempo, porque, como eu te disse aquela vez, ele era da minha finada vó. Aí, depois que ela morreu, ele passou pra minha finada tia, e aí depois veio aqui pra casa, quando ela faleceu. Ele ficou pra minha finada mãe, e depois eu copiei nesse caderninho meu (Ana, 28/04/2025).

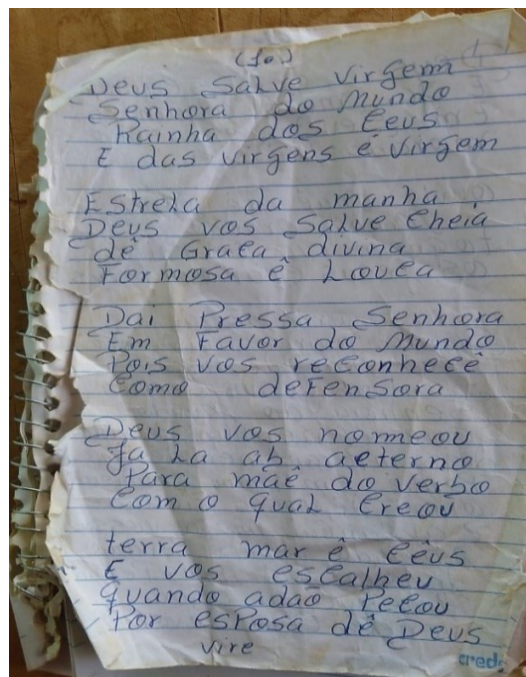
Ao analisarmos esse registro escrito, o qual Dona Ana preserva com estima, identificamos que se trata de um pequeno caderno em espiral, com folhas pautadas, onde estão registradas as letras das principais rezas praticadas na comunidade. Essas orações foram redigidas com caneta esferográfica de cor azul e apresentam uma caligrafia bastante legível e organizada, permitindo que o caderno seja utilizado durante as celebrações como suporte de consulta. As fotografias a seguir apresentam trechos do caderno e possibilitam observarmos a caligrafia organizada e a disposição dos textos. Esses elementos revelam o zelo com o qual esse registro foi construído, reforçando sua função de suporte material da tradição oral preservada pela comunidade.

Figura 7 - Caderno de rezas (Ladainha em Latim)



Fonte: Arquivo pessoal, 2025

Figura 8 - Caderno de rezas (Ofício de Nossa Senhora Aparecida)



Fonte: Arquivo pessoal, 2025

Após nos mostrar o caderno, Dona Ana comentou sobre o seu estado e evidenciou a importância de preservá-lo. Ela mencionou: “o caderno já tá bem velhinho, né? As folhas tão

começando a soltar... Por isso que logo vou passar tudo pra outro, mais novo, pra não perder as letras das rezas. Não pode se perder, não” (Ana, 28/04/2025). Dessa forma, percebemos a preocupação e o cuidado que ela demonstrou ter com o registro escrito, fato que reforça o valor simbólico e afetivo daquele documento por salvaguardar as letras das principais rezas praticadas na comunidade. Na verdade, o caderno funciona como um instrumento de preservação da memória coletiva, servindo de apoio à oralidade e assegurando a continuidade desse saber religioso e cultural que atravessa gerações.

Segundo a pesquisadora Ana Maria de Oliveira Galvão (2007),

A aprendizagem nas culturas de oralidade primária não se dá, pois, pelo disciplinamento imposto pelo hábito de “estudar”, mas predominantemente pela imitação. Nessas culturas, a repetição e o recurso à memória constituem a base dos processos de transmissão do conhecimento (Galvão, 2007, p. 29).

A partir dessa perspectiva, pode-se reafirmar que a escrita registrada no caderno funciona como um recurso complementar à oralidade, expressando o compromisso de quem registrou em manter viva uma herança espiritual construída coletivamente ao longo da história.

Diante disso, ao analisarmos os modos e formas como as rezas são praticadas, e também o registro escrito dessas orações, identificamos um conjunto de saberes que se entrelaçam ao ser transmitidos de geração em geração. Esses saberes, vivenciados no cotidiano das celebrações, configuram-se como expressões legítimas de uma educação não-escolar, que ocorre fora dos espaços escolares, mas forma e transforma por meio da convivência e da prática. Como afirma Brandão (2007b, p. 13), “a educação existe onde não há a escola e por toda parte pode haver redes e estruturas sociais de transferência de saber de uma geração a outra”.

No processo de educação não-escolar, os espaços religiosos comunitários assumem uma ampla função educativa, conforme destaca o mesmo autor ao enfatizar que, “antes de surgirem as escolas, os lugares dos rituais eram os melhores espaços das trocas do saber. Dançando se sabe e cantando se ensina o saber da história e dos mitos da tribo” (Brandão, 2009, p. 144). Nessa mesma visão, Albuquerque (2011, p. 170-171) observa que, “em tese, toda religião funciona como uma escola, isto é, toda religião tem uma tarefa essencialmente pedagógica e visa à transmissão de determinados conhecimentos tidos como verdadeiros”.

É nesse contexto que o caderno de rezas se insere como um instrumento simbólico e pedagógico, que reforça a oralidade e a memória coletiva, contribuindo diretamente para a continuidade das rezas na comunidade de Morro do Sobrado. Aliás, ele representa o compromisso e o cuidado com a preservação dos saberes herdados das gerações anteriores, ao

ser utilizado tanto como apoio durante as celebrações quanto como forma de garantir que as orações não se percam com o passar dos anos.

6 REZAS QUE PERSISTEM: SENTIDOS, REPRESENTAÇÕES E DESAFIOS DE UMA TRADIÇÃO QUE RESISTE AO TEMPO

No decorrer deste capítulo, analisamos os sentidos e as representações atribuídos às rezas pela comunidade de Morro do Sobrado, bem como caracterizamos os desafios e as dificuldades enfrentadas para a manutenção dessa prática religiosa. A partir dos relatos dos moradores, mostramos como as rezas se conectam com as dimensões simbólicas, afetivas, espirituais e identitárias, constituindo-se como expressões da memória coletiva e da fé comunitária. Além disso, evidenciamos os obstáculos que ameaçam a continuidade dessa tradição no contexto local. E, ao longo da análise, procuramos destacar também a força e a resistência dessa prática, que persiste como manifestação da cultura, da devoção e do sentimento de pertencimento à comunidade.

6.1 Sentidos e representações atribuídos às rezas pela comunidade

Participar das rezas na comunidade de Morro do Sobrado vai muito além de estar presente nas celebrações semanais. Para muitos moradores de lá, essa participação se manifesta como uma experiência mais ampla, porque está entrelaçada a outros elementos do festejo religioso, como as promessas, a tradição dos mordomos e a ornamentação da bandeira, que compõem um universo simbólico no qual fé, memória e identidade se articulam. É nesse contexto que os moradores atribuem sentidos profundos às rezas, compreendendo-as como uma oportunidade de reconectar-se com a história de suas famílias, com a memória das mulheres e dos homens que dedicaram parte de suas vidas à fé, à comunidade e à preservação dessa tradição que resiste ao tempo no cotidiano local.

Por meio dos relatos de moradores informantes da pesquisa, percebe-se que esses sentidos e representações se expressam nas memórias da infância, na continuidade das promessas feitas no âmbito familiar, no compromisso com o festejo da padroeira local e na alegria de preservar uma prática herdada dos mais velhos. Dona Maria, ao relatar sua vivência nas rezas, expressa um sentimento de alegria por estar dando continuidade a um saber que aprendeu com sua mãe ainda na infância:

Quando tô ali rezando, eu sinto muita alegria. É emocionante rezar a ladainha até hoje, porque desde os meus sete anos de idade eu ia pra igreja rezar com minha mãe, Dona Benedita. Com sete anos, eu me lembro bem... É uma

tradição de muito tempo. Fico muito feliz por tá rezando até hoje dando continuidade ao que aprendi com minha mãe (Maria, 28/04/2025).

É possível reconhecer que Dona Maria atribui um sentimento de alegria e emoção ao momento das rezas pelo fato de ter aprendido a rezar desde muito nova com sua mãe e, sobretudo, por dar continuidade a uma tradição que vem sendo passada de geração em geração ao longo do tempo. Esse sentimento também se faz presente no relato de Cássia que, ao refletir sobre a sua participação nas rezas, experimenta um retorno afetivo à infância e às lembranças dos tempos vividos em comunidade:

Pra mim, o sentimento que eu tenho quando eu participo das rezas antigas me remete à infância. Me faz lembrar dos primeiros tempos, das pessoas, dos parentes que não estão mais aqui, da tradição, do começo de tudo, da alegria que era celebrar a novena, a festa de nossa senhora. Então, dentro do meu coração, o sentimento que eu tenho é de voltar pro passado. É um sentimento de saudade... Saudade da infância, saudade do tempo passado, de um tempo bom que a gente viveu. Então, o sentimento que a gente tem é de alegria, mas, ao mesmo tempo, é um sentimento de saudade (Cássia, 10/05/2025).

Tanto o relato de Dona Maria quanto o de Cássia nos convidam a refletir sobre as rezas para além do âmbito religioso, posto que elas atribuem um sentido afetivo a essa prática à medida que relembram da infância, da convivência familiar e de pessoas queridas que já partiram. Nesse contexto, ressalta-se também a dimensão simbólica dessas manifestações na construção das lembranças e na representação do passado vivido. Como afirma Ecléa Bosi (1994), “na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado” (Bosi, 1994, p. 55). Assim, a continuidade das rezas torna-se uma iniciativa fundamental na preservação da memória coletiva, pois, ao reconstruirmos no tempo presente as experiências vividas no passado, mantemos vivos os saberes e os valores herdados de nossos ancestrais.

Essa reconstrução simbólica da memória pode ser compreendida como um processo de representação no qual os sujeitos constroem e reafirmam sua identidade e pertencimento. Segundo Chartier (2002), a noção de representação é essencial para compreender as dinâmicas culturais. Ele acredita que as representações se organizam a partir de três dimensões: os modos de classificar simbolicamente a realidade; as práticas que afirmam uma identidade social; e os mecanismos que institucionalizam e perpetuam os vínculos de um grupo com sua história (Chartier, 2002).

A perspectiva do autor é essencial para compreendermos como as rezas e os festejos expressam a forma de a comunidade construir e reafirmar a representação da sua identidade e da sua própria história. Isso se revela de maneira concreta não somente no modo como as rezas são praticadas, mas, principalmente, nas ações das pessoas que, com o passar dos anos, mantêm vivos os compromissos e promessas herdados das gerações anteriores. Um exemplo disso foi encontrado na fala de Luzia ao relembrar o tempo de sua infância e a promessa feita por sua avó, compromisso que ela segue honrando até os dias atuais, mesmo após o falecimento da idosa:

Relembro, nesse momento, que quando eu era criança, não sei ao certo, com que idade”, minha avó, “Madinha”, fez uma promessa que eu e meu primo seríamos os mordomos da bandeira no festejo de Morro do Sobrado... Certa vez, ela me disse... “Enquanto eu e seu avô for vivo, a gente compra as velas e os fogos pra santa, e vocês carregam a bandeira, quando a gente se for, vocês (eu e meu primo) compram os fogos e as velas e cumprem a promessa”. Hoje, aos 38 anos, continuo comprando os fogos e as velas e levo até a igreja nessa data. Ou, se não posso estar presente, envio os mesmos para serem usados no festejo (Luzia, 11/05/2025).

Nesse sentido, é possível identificar que a promessa se transformou em um compromisso que Luzia tem honrado de maneira efetiva ao longo dos anos, como forma de respeito e preservação da memória de sua avó. Essa missão configura-se também como uma forma de representação simbólica da identidade coletiva, pois, ao cumprir a promessa carregando a bandeira e comprando as velas e os fogos, ela participa ativamente da construção de um pertencimento expresso tanto no âmbito familiar quanto comunitário. E essa dimensão fica ainda mais evidente quando a própria Luzia afirma que “cada um de nós carregamos especificidades identitárias e ambos juntos fortalecem a construção da identidade coletiva” (Luzia, 11/05/2025).

Então o gesto de Luzia representa uma maneira de reafirmar o seu pertencimento à comunidade e de preservar o vínculo estabelecido com sua ancestralidade, uma vez que ela afirma ter bem definido o “sentimento de pertencimento a uma história local... Sentimento de conexão com minha ancestralidade” (Luzia, 11/05/2025). Isso significa também a atribuição de um forte sentido afetivo às rezas, pois para ela, estar ali participando da celebração e cumprindo a referida promessa é uma forma de conectar-se com a memória de sua avó.

Outro aspecto que se destaca na narrativa de Luzia diz respeito ao sentido de responsabilidade com o sagrado e, sobretudo, com a memória de sua avó, porquanto ela enfatiza que, mesmo quando não pode estar presente, faz questão de comprar os fogos e as velas e enviá-

los para a comunidade, a fim de que sejam utilizados no festejo. De forma semelhante, Antônio revela o mesmo sentido de responsabilidade ao relembrar uma promessa feita por sua mãe e sua avó durante um momento de fragilidade. Ele relata em suas palavras:

Me lembro aqui de uma vez... Que eu adoeci e a minha mãe, mais a minha avó, fez uma promessa: que, se eu sarasse, eu ia ser mordomo da bandeira e ia entrar segurando ela na igreja no último dia de reza da novena. E eu fui curado, e, naquele mesmo ano, eu cumpri a promessa” (Antônio,12/05/2025).

A imagem abaixo retrata esse gesto de fé e gratidão, no qual Antônio e sua mãe estão carregando a bandeira de Nossa Senhora, cumprindo a promessa feita.

Figura 9 - Antônio e sua mãe carregando a bandeira de Nossa Senhora durante o último dia do novenário



Fonte: Acervo pessoal do entrevistado, 2010

Dessa forma, percebe-se que, ao cumprir o prometido, seja no ato de ser mordomo, de entrar segurando a bandeira na igreja, ou enviando velas e fogos mesmo à distância, tanto Luzia

quanto Antônio reafirmam o compromisso firmado com o sagrado e, ao mesmo tempo, com a memória dos seus ancestrais.

Para além da continuidade das promessas, os sentidos atribuídos às rezas se manifestam em outras práticas que integram o festejo religioso em louvor à padroeira local. Entre essas práticas, destaca-se a ornamentação da bandeira de Nossa Senhora Aparecida, gesto carregado de simbolismo e configurado como uma tradição que atravessa gerações, conforme dona Maria o descreve:

Era minha tia quem arrumava a bandeira, no tempo que a gente era criança, que a gente festejava. Aí minha tia ia arrumar a bandeira, e eu já pegava os pedacin de pano pra fazer o símbolo da bandeira também, ajudava a pregar, fazendo a bandeira, eu aprendi há tempos. Tem muito tempo que é eu quem arrumo. Desde os quinze anos, eu tomei a frente de arrumar a bandeira com minha mãe, e minha filha hoje me ajuda, faz a mesma coisa que eu fazia mais minha mãe, para que essa bandeira fique bem decorada (Maria, 28/04/2025).

A descrição de Dona Maria nos mostra que o processo de ornamentação da bandeira de Nossa Senhora é um gesto carregado de afeto, responsabilidade, fé e devoção. Trata-se de uma tradição que passa dos mais velhos aos mais novos, pois Dona Maria, desde criança, observava atentamente os gestos da tia e, ao reproduzir esse processo em pequenos pedacinhos de pano, foi apropriando-se do saber, passando então a ajudar sua mãe nesse trabalho. Atualmente, ela conta com a ajuda de sua filha que a auxilia nesse momento. Na continuidade de sua narrativa, a mesma entrevistada explica como elas realizam esse trabalho no último dia do festejo:

Quando dá no último dia da novena, no dia 12 de outubro, pela manhã, a gente tira a bandeira do mastro pra fazer a ornamentação da bandeira, onde a gente troca o pano, os enfeites, porque com o tempo eles desbotam com o sol. Aí a gente termina a ornamentação da bandeira, arruma tudo direitinho, essas coisas que antes eu fazia com minha mãe, e hoje eu faço com minha filha. Antes eu ajudava minha mãe, e hoje é minha filha que me ajuda a fazer esse trabalho. E a gente termina de fazer a ornamentação da bandeira e coloca na casa que for pra deixar: na casa de um mordomo, ou na própria casa minha, ou da minha irmã, ou de outra pessoa da comunidade. A tradição sempre foi essa. E aí, quando dá à noite, às 19 horas, a gente sai com a bandeira da casa e leva até a igreja, com o acompanhamento do reisado, fogos e demais. (Maria, 28/04/2025).

A imagem a seguir mostra a bandeira de Nossa Senhora Aparecida após ter sido feito todo o processo de ornamentação pelas mãos de Dona Maria e de sua filha, que a deixaram pronta para ser levada em procissão durante o festejo da comunidade.

Figura 10 - Bandeira de Nossa Senhora Aparecida ornamentada



Fonte: Arquivo pessoal, 2023

O cuidado e a alegria com os quais Dona Maria descreve cada passo desse processo, desde a retirada da bandeira do mastro aos momentos finais, em que todos se reúnem e saem em procissão levando a bandeira para a igreja ao som marcante do reisado e dos fogos, nos revelam ainda mais a beleza e a importância dessa tradição religiosa e cultural que segue viva e pulsante na comunidade. Ao lembrar dos momentos vividos ao lado de sua tia, sua mãe e, atualmente, sua filha, ela se emociona e afirma: “isso é uma devoção que eu acredito que vai permanecer na família, que segue a mesma tradição. Graças a Deus, eu segui a tradição da minha mãe e minhas filhas seguem a mesma tradição. Filha, filho... Segue a mesma tradição” (Maria, 28/04/2025).

O sentimento de alegria revela-se também no relato de Bárbara ao falar da sua experiência no processo de ornamentação da bandeira ao lado de sua mãe:

Já é o terceiro ano que eu ajudo a ornamentar a bandeira. Estar ali ao lado da minha mãe é muito gratificante. É um momento de muita alegria e aprendizado pra mim, pois ela sempre me ensina algo. Ela tem muita experiência nisso, então sempre fico atenta às orientações dela (Barbara, 12/05/2025).

Dessa maneira, é possível perceber o quanto ela se sente alegre e grata por estar ao lado de sua mãe em um momento tão importante do cenário religioso local. A sua iniciativa de participar da ornamentação pelo terceiro ano consecutivo nos revela o seu compromisso em dar continuidade a uma tradição que emerge das vivências dos seus familiares. Além disso, em sua narrativa, Bárbara menciona sobre o aprendizado adquirido ao participar desse serviço e diz estar sempre atenta às orientações da mãe, isso nos mostra que, nesse contexto, a aprendizagem se dá por meio da observação. Como bem afirma Brandão (2007, p. 18), “[...] o saber flui, pelos atos de quem sabe-e-faz, para quem não-sabe-e-aprende”, sendo a observação um dos aspectos fundamentais para que o aprendizado se concretize. Nesse sentido, a experiência de Bárbara nos revela, de maneira concreta, como se dá essa aprendizagem no cotidiano da comunidade.

Nos relatos da experiência vivenciada anualmente durante o processo de ornamentação da bandeira de Nossa Senhora, tanto Dona Maria quanto Bárbara atribuem uma série de sentidos a essa ação, que, assim como a continuidade das promessas, também faz parte da dimensão mais ampla das rezas praticadas pela comunidade. Um dos primeiros sentidos evidenciados na fala delas é o afetivo, que se expressa através da emoção e da alegria com as quais elas relembram os momentos vividos com seus familiares.

Ao mesmo tempo, manifesta-se outros sentidos, a saber: o de continuidade, presente na forma como ambas se comprometem a preservar essa tradição transmitida de geração em geração; o sentido de pertencimento e de responsabilidade na maneira como elas se propõem a honrar os compromissos assumidos com o sagrado e com a memória dos seus familiares; o sentido educativo emerge à medida que elas demonstram que, nesses momentos, o aprendizado se constrói através da escuta e da observação dos mais velhos; e, por fim, percebemos o sentido espiritual atribuído a esse momento, sobretudo, por se tratar de uma grande devoção preservada entre a família.

Essa dimensão da devoção e do compromisso manifesta-se, inclusive, na tradição dos mordomos, a qual funciona da seguinte forma: a pessoa que, no último dia do festejo, participa do gesto de “rodar a bandeira” no mastro, antes de ocorrer o seu levantamento, assume a responsabilidade de ser mordomo no ano seguinte. A imagem em seguida ilustra o momento simbólico em que a bandeira é girada solenemente no mastro, marcando o compromisso assumido para o próximo ano.

Figura 11 - Gesto de rodar a bandeira no mastro



Fonte: Arquivo pessoal, 2019

Esse momento é carregado de simbolismo, visto que representa o encerramento da celebração do festejo e o compromisso assumido de ser mordomo no ano seguinte, garantindo, assim, a continuidade da tradição, conforme Antônio descreve: “no festejo do ano passado, eu rodei a bandeira com minha tia. Aí, esse ano, a gente é mordomo” (Antônio, 12/05/2025). Nessa condição, a pessoa fica encarregada de ajudar na celebração de um dos dias do novenário e pode contribuir com velas, fogos e outros elementos necessários para a festa.

Ao longo das narrativas, foi possível entender também o profundo sentido espiritual que os moradores entrevistados atribuem às rezas, especialmente ao descreverem o momento da celebração como uma experiência de conexão com o sagrado. Isso pode ser observado, por exemplo, na forma de Antônio expressar o que sente durante as celebrações locais:

Quando rezo na igreja, sinto um sentimento de paz, harmonia, a presença de Deus. A paz no coração, é uma sensação inexplicável. É uma tradição importante, né? Que passa de geração em geração e que faz bem, traz paz pra comunidade, né? Eu gosto muito de participar das rezas (Antônio, 12/05/2025).

Nesse sentido, ao analisarmos o contexto geral em que essa tradição está inserida, é provável afirmar que o misto de sentimentos descrito na fala de Antônio pode ser considerado um dos principais fatores que contribuem para a continuidade das rezas na comunidade. Além do mais, ao destacar o quanto rezar “traz paz” e “faz bem”, ele nos revela outro sentido central que as rezas assumem na vida dos moradores, o de proporcionar a união comunitária. Esse

aspecto também é reforçado no relato de Cássia, que destaca a força da reza para reunir e aproximar as pessoas da comunidade. Segundo ela,

Quando a gente se reúne pra celebrar, fortalece a união das pessoas. Muitas pessoas que não vão na casa das outras, que nem têm nenhum contato, geralmente estão presentes nesse momento, porque gostam, se identificam com aquela reza. Então, isso ajuda a manter a união, e a pessoa se identifica: ela encontra ali uma identidade em relação à liturgia, à ladainha, à reza que ela gosta. Ali, ela mantém viva dentro dela a tradição, já que é uma coisa que ela gosta e consegue participar (Cássia, 10/05/2025).

Daí, torna-se ainda mais perceptível o sentido de união que os moradores locais atribuem às rezas. Percebemos isso quando Cássia destaca que “muitas pessoas que não vão na casa das outras, que nem têm nenhum contato, geralmente estão presentes nesse momento”, ou seja, os momentos de celebração possibilitam a sociabilidade entre essas pessoas. Dessa maneira, podemos compreender as rezas como um meio de aproximar aqueles que se encontram distantes no cotidiano por algum motivo, um meio de promover união, paz, harmonia, felicidade e, sobretudo, a realização pessoal e espiritual, como bem pontua Rita, ao descrever com emoção a sua vivência religiosa:

Ao longo dos anos, eu me sentia feliz, realizada por estar ali participando das rezas, na presença de Deus, ouvindo os ensinamentos de mãe, da minha avó, e seguindo os caminhos de Deus. Ao estar lá, a gente se sente feliz por poder participar. É por isso que elas devem continuar, sim, porque faz bem. Quem ali ouve e está presente sai dali realizada, com o coração cheio de paz e do amor de Deus. Também ajuda a manter a tradição, né? Aquela tradição mais antiga, e também mantém a união da comunidade. A união faz a força, né? (Rita, 12/05/2025).

No relato de Rita, os sentidos atribuídos às rezas se assemelham significativamente aos mencionados por outros moradores da comunidade. Assim como foi observado em outras narrativas, a entrevistada rememora com carinho os momentos vividos ao lado de membros de sua família, revelando o valor afetivo que a prática de rezar possui para ela. A partir de sua fala, também percebemos a responsabilidade e o compromisso com a continuidade dessa tradição, à medida que reconhece o quanto as celebrações religiosas são importantes para fortalecer a união entre os moradores, possibilitando a partilha, o acolhimento e a renovação espiritual. Portanto, seu relato nos mostra que, embora cada pessoa vivencie a sua experiência de maneira singular, há uma forte conexão entre os moradores de Morro do Sobrado em relação aos sentidos que eles atribuem às rezas professadas na comunidade.

6.2 Desafios e dificuldades na continuidade da tradição

Tudo o que foi apresentado até aqui nos revela o quanto a tradição das rezas em Morro do Sobrado é profunda e carregada de saberes que resistem ao tempo por meio da memória, da oralidade e da fé de todas as mulheres e homens que vivenciam cotidianamente a prática de rezar desde a infância. No entanto, essa resistência não tem sido fácil para a comunidade, uma vez que determinados fatores prejudicam a continuidade dessa tradição religiosa. Ao ouvirmos atentamente os relatos dos moradores locais, identificamos que uma das maiores dificuldades enfrentadas nos últimos anos para manter a tradição das rezas diz respeito ao cercamento da antiga igreja, fato que gerou muita tristeza em todas as pessoas que guardam memórias afetivas desse espaço sagrado.

A antiga igreja, construída com o esforço das famílias da região, foi, por décadas, o lugar de se realizar missas, batizados, novenas, terços e ladainhas, e ali, as promessas e agradecimentos eram feitos com fé e devoção. Era, portanto, um espaço sagrado carregado de força simbólica e afetiva na vida dos fiéis. Durante o processo de documentação das igrejas do município de Pindaí, solicitado pela paróquia local, no ano de 2019, tornou-se necessário, para fins de regularização, fazer a medição do terreno onde a igreja foi construída. Logo que a medição foi solicitada, a comunidade tomou a iniciativa de realizá-la, conforme Rita nos conta:

Isso aconteceu num tempo em que a paróquia pediu pra fazer a documentação de todas as igrejas do município. Aí, quando a gente foi medir a terra da igreja, porque precisa, né, pra fazer o documento, inclusive, no dia que foi medir, eu ajudei, mas, logo em seguida, o vizinho disse que ele era o dono de lá e cercou a igreja. Isso tirou da gente a possibilidade de participar, de poder tocar ela pra frente (Rita, 12/05/2025).

Essa situação teve origem a partir de um mal-entendido envolvendo a compra de um terreno que faz divisa com o lote no qual a igreja está localizada, como Dona Maria relata:

Em 2019, para amanhecer a Quarta-feira de Cinzas, a igrejainha foi cercada, por conta de um desentendimento entre o vizinho e um irmão meu, que tinha vendido um outro terreno que fica do lado da igreja pra ele. Mas, quando a gente construiu essa igreja, mais de quarenta anos atrás, esse vizinho nem morava aqui. A terra onde a igrejainha foi feita foi uma doação de meu pai, seu Bento, pra comunidade, todo mundo sabe disso. Só que esse vizinho achou que, comprando o terreno ao lado, tinha comprado a igreja também. Mas meu irmão não vendeu a igreja não, porque igreja ninguém se compra, ninguém se vende. E continua até hoje fechada... (Maria, 28/04/2025).

O acontecimento narrado por Rita e Dona Maria causou um impacto profundo na rotina da comunidade, pois o espaço que antes era símbolo de fé e devoção passou a ser um lugar fechado. Na realidade, o efeito dessa perda ultrapassou a esfera material e interrompeu as vivências partilhadas naquele ambiente, fazendo com que a comunidade passasse a lembrar-se dele com sentimento de tristeza e saudade. Desse modo, a igreja deixou de ser um lugar vivido e passou a existir principalmente como lembrança e, nesse contexto, podemos reforçar o que diz Pierre Nora (1993): “[...] os lugares de memória são, antes de tudo, restos. A forma extrema onde subsiste uma consciência comemorativa numa história que a chama, porque ela a ignora” (Nora, 1993, p.12).

A propósito, percebe-se que, com o cercamento da antiga igreja e a consequente impossibilidade de frequentá-la, ela passou a ser um lugar que evoca a memória viva da comunidade, de tudo o que foi vivido ali ao longo dos seus mais de 40 anos de existência. Essa memória persiste, a despeito de ser marcada pelos sentimentos de tristeza, dor e indignação diante da perda desse espaço construído com muito esforço e luta. Esses sentimentos se tornam visíveis no relato de Rita, quando afirma:

Quem cercou ela, hoje, faz dela, tipo assim... um lugar cercado, um lugar estranho. E, assim, o sentimento de ver ela como tá é de tristeza, porque foi um lugar onde nasci, cresci, participei, e hoje a gente vê ela lá, fechada, acabando... É muito triste, é uma indignação muito grande (Rita, 12/05/2025).

Vale ressaltar que a situação do terreno onde se localiza a antiga igreja encontra-se atualmente em disputa judicial. Apesar do esforço da comunidade em buscar a sua retomada legal, trata-se de um processo complexo e demorado, sem uma previsão concreta de desfecho, o que tem prolongado ainda mais o sentimento de perda entre os moradores, que seguem sem acesso ao templo onde celebraram sua fé por tantos anos. Como expressa Dona Maria, “a gente espera a decisão da justiça, decisão essa que não teve ainda até hoje” (Dona Maria, 12/05/2025). E, com isso, a igreja permanece cercada, deteriorando-se com o passar dos anos, conforme podemos observar na imagem a seguir, que ilustra o seu estado atual.

Figura 12 - Antiga igreja da comunidade de Morro do Sobrado cercada



Fonte: Arquivo pessoal, 2025

Após o cercamento da igreja em 2019, passaram-se alguns meses e aproximava-se o mês de outubro, época em que a comunidade celebra o novenário em louvor a Nossa Senhora Aparecida. Diante da impossibilidade de adentrar na capela para realizar o tradicional festejo, Dona Maria, junto com suas filhas, sua irmã e outras pessoas da comunidade, tomou a iniciativa de manter a celebração da novena, pois a tradição não poderia acabar. Ela mesma recorda:

Pra não acabar com a nossa tradição, no mês de outubro de 2019, eu tomei a iniciativa, junto com minhas filhas, minha irmã e os demais que tinham boa vontade de ajudar, pra que não acabasse com a tradição. Foi quando a gente alugou um toldo por 10 dias pra ter a novena. Teve o novenário normal, como se fosse na igreja, até com celebração de missa pelo padre que estava na paróquia no tempo, e o padre celebrou. A gente pôde tirar foto, tem vídeo, tem foto feita da celebração (Maria, 12/05/2025).

Essa narrativa nos revela a coragem e a persistência que Dona Maria e outras mulheres da comunidade demonstraram ao celebrar o festejo, mesmo diante da impossibilidade de utilizar o espaço físico da igreja. Além do mais, reflete a importância da tradição oral das rezas, que resistem no cotidiano da comunidade não pela existência do templo sagrado em si, mas por meio da memória, da oralidade e, sobretudo, da presença das pessoas de fé que não se deixaram abater perante as dificuldades enfrentadas. O novenário, naquele ano, aconteceu do lado de fora da igreja, mas o espírito da tradição permaneceu intacto. A imagem adiante mostra o espaço organizado para a celebração do festejo em louvor à Nossa Senhora. Ao lado direito, é possível visualizar também a antiga igreja cercada.

Figura 13 - Espaço adaptado para a realização do festejo em 2019



Fonte: Arquivo pessoal, 2019

Depois da realização do festejo daquele ano, os sentimentos de angústia e de incerteza permaneciam no dia a dia da comunidade. Os meses passavam e não havia nenhuma perspectiva de evolução para um desfecho positivo da situação. Assim, a igreja permanecia fechada, o que aprofundava ainda mais esses sentimentos diante da demora do processo judicial travado entre a diocese e o morador que cercou o referido ambiente. Foi então que Dona Maria tomou a iniciativa de construir uma capelinha em seu terreno, como forma de cumprir uma promessa que havia feito. Em suas palavras, ela nos conta:

Como eu tinha uma promessa pra cumprir, de fazer uma capelinha no meu terreno, aí acabamos construindo uma outra igreja, e não só uma capelinha; a capelinha é construída dentro da igreja. E, nessa nova igreja da família, recebe toda a comunidade pra festejar Nossa Senhora. Todo ano tem o festejo, o novenário que começa no dia 4 e vai até o dia 12. E por aí é o que a gente pretende: de nunca deixar essa tradição, enquanto tiver pessoas da família que existir. Eu espero que essa tradição não se acabe, que Nossa Senhora abençoe, que nós continue (Maria, 28/04/2025).

Mais uma vez, percebemos a força e a coragem de Dona Maria ao construir uma nova igreja dentro de seu terreno, com o intuito de cumprir a promessa feita e, ao mesmo tempo, como uma forma de resistência, de não deixar morrer a tradição das rezas na comunidade. Ao final de sua fala, ela ressalta que enquanto houver pessoas da família, a tradição há de continuar. E isso configura-se como um gesto de resistência diante das dificuldades enfrentadas. A seguir,

a imagem registra a nova capela construída no terreno de Dona Maria, símbolo de persistência, fé e capacidade de se reinventar diante das adversidades.

Figura 14 - Nova capela construída no terreno de Dona Maria



Fonte: Arquivo pessoal, 2025

Contudo, mesmo após a construção dessa nova igreja, as marcas do fechamento do antigo templo ainda se fazem presentes na vida da comunidade e são consideradas uma dificuldade para manter a tradição das rezas nesse local, como podemos observar no relato de Cássia quando explica:

A maior dificuldade que nós ainda enfrentamos é relacionada a antiga igreja da comunidade [...]. Ela se encontra fechada, e nós não podemos estar dentro dela para poder celebrar as nossas rezas da maneira como a gente celebrava. Isso tem dificultado muito a nossa vida em comunidade, pra poder manter essa tradição viva (Cássia, 10/05/2025).

Dessa forma, reafirma-se que o cercamento da igreja realmente marcou profundamente a vida de todos que a frequentavam para professar sua fé e devoção. E a sensação de perda também se refletiu na diminuição da participação comunitária. Antônio recorda um tempo em que os festejos reuniam grande quantidade de pessoas, comparando com os dias atuais:

O que me deixa triste é porque hoje não tá mais como era antes. Quando eu era criança, eu lembro que ia muita gente, e hoje as pessoas estão deixando de frequentar. Não tá aquela mesma animação de antes, né? Que ia muita gente... Hoje, muitos estão deixando de ir. Eu lembro que era muito animado, mas hoje quem vai é mais a parte da família mesmo, das pessoas de mais perto. Também, depois que a igreja foi cercada, que a gente não pode mais entrar pra celebrar, foi muito triste. E, com isso, o povo se afastou um pouco. Aí, eu

percebo que, na igreja nova que minha vó construiu, vai pouca gente (Antônio, 12/05/2025).

Esses relatos revelam que, embora atualmente a comunidade utilize a igreja construída no terreno de Dona Maria para realizar as celebrações religiosas, ainda se fazem presentes, de forma contundente, os efeitos da ruptura com o espaço oficial, que é a antiga igreja. Logo, percebe-se que o maior desafio enfrentado hoje é manter viva a tradição das rezas em um contexto marcado pela dispersão popular e, sobretudo, pela demora judicial relacionada ao processo de reintegração de posse do antigo templo.

Além disso, outro fator que compromete a continuidade da tradição em Morro do Sobrado diz respeito às normas estabelecidas pela paróquia local. Apesar da construção da nova igreja e de todo o esforço da comunidade para manter vivas as rezas tradicionais, persistem obstáculos relacionados às leis estabelecidas pela paróquia, as quais alteram a dinâmica das celebrações e, de certo modo, impõem limites para a continuidade das práticas que fazem parte da identidade religiosa e cultural do lugar. Como Luzia descreve,

As mudanças dentro das leis de cada Paróquia, no que diz respeito às normas que os festejos devem seguir, se tornam as vezes um desafio para seguir as tradições religiosas no que diz respeito à realização das rezas em Latim...e nas demais atividades realizadas no dia do festejo, tipo o uso de fogos. (Luzia, 11/05/2025).

Essas mudanças, embora justificadas como uma forma de inovação, acabam enfraquecendo as manifestações da religiosidade popular que, para os moradores, carregam um grande valor afetivo e simbólico, principalmente no que se refere à preservação da identidade religiosa e da memória coletiva, uma vez que essas tradições são passadas de geração em geração ao longo da história da comunidade. Conforme pontua Carlos Rodrigues Brandão (2007), as pessoas das comunidades populares costumam aceitar, com respeito, a legitimidade da igreja, mas sem deixar de viver a fé do seu próprio jeito. Nas palavras do autor,

As pessoas dos bairros “de baixo” aceitam, com respeito, a legitimidade das igrejas com a condição de continuarem a acreditar que suas próprias práticas do sagrado são mais acessíveis porque estão mais sob o controle comunitário da classe e porque são exercidas entre sujeitos iguais (Brandão, 2007, p. 272).

Nesse sentido, quando normas institucionais desautorizam práticas como o uso de fogos ou as rezas em latim, não se trata apenas de uma mudança na liturgia, mas de uma interferência

direta nas formas de manifestar a fé, que fazem parte da história e da identidade coletiva da comunidade.

Entretanto, apesar dos desafios e dificuldades enfrentados pela comunidade para manter viva a tradição das rezas, ainda permanece acesa a esperança de um dia retomar o antigo templo e devolver a ele o seu verdadeiro sentido, o de ser um lugar de fé, de união e de memória. A possibilidade de recuperar esse lugar sagrado segue como um desejo comum e resistente, alimentado por uma fé que se renova a cada reza realizada, ainda que em outros espaços. Isso se torna evidente na fala de Dona Maria quando nos diz com grande esperança: “com fé em Deus e em Nossa Senhora Aparecida, eu ainda vou ver o final de tudo e vou ver a igreja aberta novamente” (Maria, 28/04/2025). Enfim, cabe-nos dizer que essa esperança é também uma forma de resistência, uma maneira de manter viva a certeza de que a tradição não morre, mesmo quando os caminhos para sua preservação se tornam mais difíceis.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da pesquisa realizada, é possível salientar que concluir este trabalho vai muito além de encerrar um ciclo acadêmico de muitos estudos e reflexões, é, sobretudo, dar o devido reconhecimento a uma tradição religiosa e cultural que faz parte das histórias vivenciadas na comunidade de Morro do Sobrado, localizada na área rural do município de Pindaí, Bahia, como dito anteriormente.

Ao longo desta pesquisa, buscamos investigar quais são os saberes e práticas culturais presentes nas rezas da referida comunidade. Por meio da escuta atenta às vozes das pessoas que vivenciam cotidianamente os momentos de celebração desde a infância, foi possível identificar que as rezas de Morro do Sobrado carregam um conjunto de saberes que se entrelaçam, sendo transmitidos de geração em geração por meio da oralidade e da memória coletiva. Entre eles, destacam-se os saberes musicais, poéticos, religiosos e rituais.

Em primeiro lugar, os saberes musicais permeiam todas as celebrações das rezas, manifestando-se expressivamente na escolha das melodias, na forma como se entoam as palavras e na distribuição das vozes durante os momentos de fé e devoção. Trata-se de um conhecimento musical que atravessa gerações, pois as rezadeiras que hoje dão continuidade à prática relatam ter aprendido escutando suas mães e avós durante as celebrações. Em seguida, os saberes poéticos se expressam no ritmo, na cadência e na expressividade com que as palavras são entoadas e, principalmente, na maneira como as rezadeiras se apropriam das rezas em latim, o que nos mostra a preocupação delas em manter viva essa tradição ancestral no cotidiano local.

Além disso, há os saberes religiosos, que se evidenciam através do domínio de um amplo repertório de orações e também por meio da fé e da devoção aos santos e santas, no oferecimento das intenções, na confiança nas promessas e no reconhecimento das graças alcançadas. E, por fim, os saberes rituais manifestam-se diretamente na organização das celebrações, nos momentos de silêncio, nos gestos de se ajoelhar para acompanhar uma determinada parte da reza, de acender as velas e de utilizar os fogos. Percebe-se, então, que cada um desses rituais tem um significado e juntos revelam um modo de rezar próprio da comunidade.

Para além desses saberes, a análise das narrativas orais evidenciou as práticas culturais que permeiam as rezas locais. Como exemplos, destacamos a reza do terço cantado, a ladainha cantada em latim, o ofício de Nossa Senhora rezado em dias específicos da semana, a entoação do canto “Cantemos Todos” ao final das celebrações, a ornamentação da bandeira, a tradição

dos mordomos, entre outros. E, ao analisarmos esse conjunto de saberes e práticas culturais, compreendemos que eles estão interligados e configuram-se como expressões legítimas de uma educação não-escolar, que ocorre fora dos espaços escolares, mas que forma e transforma por meio da convivência comunitária.

Ademais, no decorrer da investigação, foi possível constatar que os moradores da comunidade atribuem sentidos às rezas, como o afeto, a espiritualidade, o pertencimento, a continuidade, a responsabilidade e o aprendizado, os quais se manifestam nas lembranças da infância, na devoção familiar, no compromisso com as promessas e com os festejos de Nossa Senhora e, principalmente, no desejo de manter viva essa tradição no dia a dia do lugar. Por meio dessas experiências, os moradores constroem as representações que reafirmam sua identidade coletiva e fortalecem os vínculos com a memória de seus ancestrais.

Contudo, percebemos que, apesar de as rezas se apresentarem como uma tradição religiosa e cultural carregada de sentidos e significados, atualmente, a comunidade tem enfrentado alguns desafios e dificuldades na manutenção dessas celebrações. Um deles é a “perda” da antiga igreja da comunidade, que ainda se encontra em processo judicial. Soma-se a isso a dispersão popular ocasionada pela ausência do antigo templo, além das normas da paróquia local, que, ao restringirem práticas como o uso de fogos e as rezas em latim, acabam interferindo nas expressões da religiosidade popular. Entretanto, a despeito desses obstáculos, a tradição resiste por meio da memória, da oralidade e da presença das mulheres e dos homens de fé que se recusam a deixá-la se perder ao longo do tempo.

Por tudo que foi exposto, espera-se que esta pesquisa contribua, de maneira significativa, para a valorização dos saberes e práticas culturais das comunidades que, mesmo diante das adversidades, resistem e mantêm vivas suas tradições. Dar visibilidade a esses saberes é reconhecer que há uma sabedoria profunda nas práticas populares, muitas vezes invisibilizadas pela história oficial, mas que seguem formando e educando pessoas ao longo do tempo. Assim, ao registrar e analisar as rezas de Morro do Sobrado, este trabalho buscou enriquecer o acervo de pesquisas históricas voltadas aos saberes transmitidos em espaços não escolares, bem como fortalecer os estudos vinculados à história oral, contribuindo para o reconhecimento acadêmico, científico e social dessas manifestações que fazem parte da identidade e da memória coletiva de nosso povo.

Finalmente, pode-se demonstrar que a investigação sobre a realização das rezas possibilitou um aprendizado histórico no que diz respeito às raízes da referida comunidade,

fortalecendo, assim, nossa conexão com a ancestralidade. E, nesse sentido, desejamos que esta pesquisa possa inspirar novos olhares, novas escutas e novos compromissos com as tradições que ainda resistem no cotidiano do Sertão Nordestino.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro. Editora FGV. 2.ed. 2004.

ALBERTI, Verena. **História oral: a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1989. 202 p.

ALBERTI, Verena. **Tradição oral e história oral: proximidades e fronteiras**. História Oral. [S.l.], v. 8, n.11-28, 2005. Disponível em: [Vista do Tradição oral e história oral: proximidades e fronteiras \(historiaoral.org.br\)](http://historiaoral.org.br). Acesso em: 21 maio 2024.

ALBUQUERQUE, Maria Betânia B. **Epistemologia e Saberes da Ayahuasca**. Belém: EDUEPA, 2011.

ANJOS, Gerusa Coelho dos. **Eu quero é morrer afogada no Rosário de Maria! A música como suporte de redundâncias rituais e veículo de promoção de afetos, imagens e identidade na ladainha da irmandade do Jatobá**. 2014. 227 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo horizonte, 2014.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Os deuses do povo: um estudo sobre a religião popular**. Uberlândia: EDUFU, 2007a.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2007b

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Prece e Bênção: espiritualidades religiosas no Brasil**. São Paulo: Editora Santuário, 2009.

BEITER, Fernando Campos. **A retórica visual do convento de São Francisco de Salvador/BA**. 2012. Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2012.

BONI, Valdete; QUARESMA, Silvia J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevista em Ciências Sociais. **Em Tese - Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**. Vol. 2, nº. 3, p. 68-80, janeiro a julho de 2005. Disponível em: www.emtese.ufsc.br. Acesso em 26 abril 2024.

BORGES, Lia. **Pindaí 50 anos**. 1ed. Bahia, 2012.

BOSI, Alfredo. (Org.). **Cultura brasileira: temas e situações**. São Paulo: Ática, 1987.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CARVALHO, José Carlos Andrade. **Caracterização de rezas populares no município de Itabaiana-SE: uma análise sócio-discursiva**. 2015. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2015.

CANDAU, Jöel. **Memória e Identidade**. São Paulo: Editora Contexto, 2011.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa, DIFEL, 2002.

DAMINO, André. **Na escola de Maria**. 3. ed. São Paulo: Ed. Paulinas, 1957.

DICIO. Reza. Dicionário Online de Português. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/reza/> . Acesso em: 08 jul. 2025.

FONSECA, Joao Jose S. da. Metodologia da pesquisa científica. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 1. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GARCÊS, Marinalva; GOMES, Flavia. Festejos religiosos na comunidade remanescente quilombola de Juçatuba: fé, devoção e memória. **Anais dos Simpósios da ABHR, [S. l.]**, v. 13, 2012. Disponível em: <https://revistaplura.emnuvens.com.br/anais/article/view/528>. Acesso em: 4 jun. 2024.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal e cultura política**. São Paulo: Cortez, 2006.

GALVÃO, Eduardo. **Santos e visagens: um estudo da vida religiosa de Itá, Amazonas**. São Paulo: Editora Nacional, 1955.

GALVÃO, Ana Maria de O. et al. (Orgs.). **História da cultura escrita: séculos XIX e XX**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Cidades e Estados: Pindai (BA)*. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/pindai/panorama> . Acesso em: 28 abr. 2025.

IPHAN. **Patrimônio Imaterial**. 2021. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/234>. Acesso em: 16 jun. 2025

JESUS, Elivaldo Souza de. **Gente de promessa, de reza e de romaria: experiências devocionais na ruralidade do recôncavo sul da Bahia (1940-1980)**. 2006. 142 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento, In: LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. [et al.] -- Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.

LE GOFF, Jacques. **Para um novo conceito de Idade Média**. Lisboa: Editora Galimard, 1979.

LIMA, Ariane dos Santos. **Por entre rezas e procissões: as celebrações em louvor ao Senhor Bom Jesus dos Passos – Oeiras - PI (1859/2012)**. 2013. 189 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal Do Piauí, Teresina, 2013.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. São Paulo. Edições Loyola. 2005.

MOURA, Marcos Roberto Pereira. **A romaria de Santa Luzia**: contribuições da fé para a construção de uma identidade territorial na comunidade de Santa Luzia – município de Porangatu/GO. 2015. 205 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2015.

NORA, Pierre. **Entre memória e história**: a problemática dos lugares. Projeto História, v. 10, p. 7-28, 1993.

ONG, W. J. **Oralidade e cultura escrita**: a tecnologização da palavra. Campinas: Papirus, 1998. [original inglês: 1982].

OLIVEIRA, Elizeide Miranda de. **Saberes culturais**: um olhar sobre as mudanças e permanências da cultura imaterial de São Raimundo Nonato – Piauí (2004-2014). Vozes, Pretérito & Devir, São Raimundo Nonato-PI, v. 7, n. 1, p. 299-309, 2017. Disponível em: <https://revistavozes.uespi.br/index.php/revistavozes/article/viewFile/162/186>. Acesso em: 6 mai. 2025.

PAULA, Maria Helena de; DUARTE, Aline do Nascimento. Terços Rurais Cantados: Identidade Linguística e Cultura. **R. Letras. & Letras**. Uberlândia-MG v.26, n.2 p. 405-425, 2010 Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/view/25633> . Acesso em: 4 jun. 2024.

PINHEIRO, Souza Paula Fernanda; BARBOSA, Albuquerque Maria Betania. “Escola” de ladainhas: práticas educativas de rezadores em Breves-PA. **INTERFACES DA EDUCAÇÃO**, [S. l.], v. 12, n. 35, p. 91–117, 2021. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/interfaces/article/view/4589> . Acesso em: 4 jun. 2024.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. 132 p.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3–15, 1989.

SANTOS, Maria Roseli Sousa. **Entre o rio e a rua**: cartografia de saberes artístico-culturais emergentes das práticas educativas na Ilha de Caratateua, Belém do Pará. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Pará, Belém, 2007.

SOUZA, Paula Fernanda Pinheiro. **Rezando também se aprende**: práticas educativas e saberes das ladainhas em Breves-PA. 2020. 158 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado do Pará, Belém, 2020.

SILVA, Filipe Dias dos S. **Preparar, rezar e sambar: a reza de Brejões/BA sob a perspectiva da etnocenologia**. 2015. 207 f. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

SÁ JÚNIOR, Lucrécio Araújo de. A gestação etnolinguística dos benditos a partir da memória ibérica. **Intersecções**. Jundiaí-SP, v. 3, n. 3, p. 171-191, 2010. Disponível em: <https://revistas.anchieta.br/index.php/RevistaIntersecoes/issue/view/142>. Acesso em: 4 jun. 2024.

SILVA, Joao Clarindo da. **Tecituras da Cultura Popular mediante a reza cantada pelos moradores da comunidade do Chumbo: vivências e tradições**. 2022. 110 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Cultura Contemporânea) - Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2022.

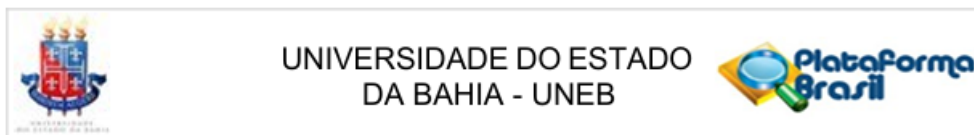
IYANAGA, Michael. Por que se canta? Rezando os santos católicos no Recôncavo Baiano. In: COSTA, Edil Silva; FERNANDES, Frederico Augusto Garcia; ARAÚJO, Nerivaldo Alves (org.). **Vozes, performances e arquivos de saberes**. Salvador: EdUNEB, 2018. p. 163–187.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz**. [Tradução: Amalio Pinheiro, Jerusa Pires Ferreira]. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. 2. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. Trad. de Jerusa Pires Ferreira et al. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

APÊNDICE A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Memória, História, Práticas Educativas e Culturais na Região do Alto Sertão Baiano

Pesquisador: JOSENI PEREIRA MEIRA REIS

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 78452524.3.0000.0057

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.752.110

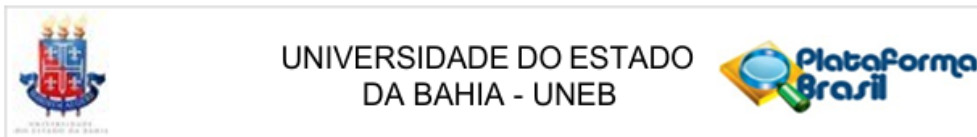
Apresentação do Projeto:

O projeto de pesquisa guarda-chuva sobre Memória, História e Práticas Educativas e Culturais na Região do alto Sertão da Bahia, da linha de Estudos e Pesquisas em Memória, História, Identidade, Gênero e Cultura escrita vinculado ao NEPE (Núcleo de Estudos e Pesquisas Paulo Freire) do Departamento de Educação - DEDC - CAMPUS XII, Universidade do Estado da Bahia - UNEB.

Desenho do projeto:

Trata-se de um projeto de pesquisa guarda-chuva vinculado a linha de Estudos e Pesquisas em Memória, História, Identidade, Gênero e Cultura Escrita vinculado ao NEPE - Núcleo de Estudos e Pesquisas Paulo Freire, com a finalidade de orientar os trabalhos de Conclusão de Curso e de Iniciação Científica dos/as discentes do curso de Pedagogia. Identificar e analisar aspectos relacionados à Memória, História, Práticas Educativas e Culturais na região do Alto Sertão baiano, observando as trajetórias formativas de sujeitos, percebendo as relações que a temática estabelece com a comunidade na qual está inserida constituiu o objetivo mais amplo do projeto. As pesquisas a serem desenvolvidas, vinculadas ao projeto, fundamentam-se teórica e metodologicamente nas vertentes da história cultural, história da educação, história da cultura escrita numa perspectiva qualitativa. Nesse processo utilizaremos fontes

Endereço: Avenida Engenheiro Oscar Pontes 1122, antigo prédio da Petrobras 3º andar, sala 1, Água de Meninos,
Bairro: Água de Meninos - site www.cep.uneb.br **CEP:** 40.460-120
UF: BA **Município:** SALVADOR
Telefone: (71)3612-1330 **Fax:** (71)3612-1300 **E-mail:** cepuneb@uneb.br/www.cep.uneb.br



Continuação do Parecer: 6.752.110

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Na perspectiva da eticidade, conforme segue:

- 1 - Termo de compromisso do pesquisador responsável: Em conformidade com a normativa;
- 2 - Termo de confidencialidade: Em conformidade;
- 3 - A autorização institucional da proponente: Em conformidade;
- 4 - A autorização das instituições coparticipantes: Em conformidade;
- 5 - Folha de rosto: Em conformidade;
- 6 - Modelo do TCLE para os responsáveis: Em conformidade;
- 7 - Modelo do Assentimento: Dispensado por não envolver menores de idade;
- 8 - Declaração de concordância com o desenvolvimento do projeto de pesquisa: Em conformidade;
- 9 - Termo de concessão: Em conformidade;
- 10 - Termo de compromisso para coleta de dados em arquivos: Dispensado.

Recomendações:

Recomendamos ao pesquisador atenção aos prazos de encaminhamento dos relatórios parcial e/ou final. Informamos que de acordo com a Resolução CNS/MS 466/12 o pesquisador responsável deverá enviar ao CEP- UNEB o relatório de atividades final e/ou parcial anualmente a contar da data de aprovação do projeto.

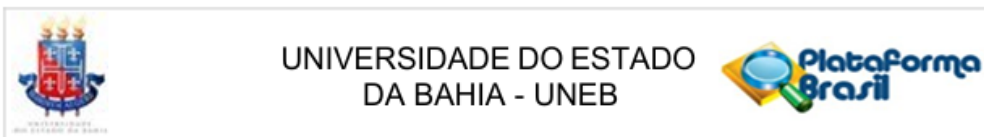
Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O projeto encontra-se dentro dos princípios éticos (autonomia, não maleficência, beneficência, equidade e justiça) com os aspectos da pesquisa (objeto, participante, metodologia e aspectos do campo). Sempre na perspectiva da orientação e sem julgamento de valores, conforme preconiza a ética no seu significado mais profundo que é propor a dignidade humana.

Considerações Finais a critério do CEP:

Após a análise com vista à Resolução 466/12 CNS/MS o CEP/UNEB considera o projeto como APROVADO para execução, tendo em vista que apresenta benefícios potenciais a serem gerados com sua aplicação e representa risco mínimo aos sujeitos da pesquisa tendo respeitado os princípios da autonomia dos participantes da pesquisa, da beneficência, não maleficência, justiça e equidade. Informamos que de acordo com a Resolução CNS/MS 466/12 o pesquisador responsável deverá enviar ao CEP- UNEB o relatório de atividades final e/ou parcial anualmente a contar da data de aprovação do projeto.

Endereço: Avenida Engenheiro Oscar Pontes 1122, antigo prédio da Petrobras 3º andar, sala 1, Água de Meninos,
Bairro: Água de Meninos - site www.cep.uneb.br **CEP:** 40.460-120
UF: BA **Município:** SALVADOR
Telefone: (71)3612-1330 **Fax:** (71)3612-1300 **E-mail:** cepuneb@uneb.br/www.cep.uneb.br



Continuação do Parecer: 6.752.110

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMACOES_BASICAS_DO_PROJETO_2309718.pdf	25/03/2024 15:21:00		Aceito
Outros	COLETADEADOS.pdf	25/03/2024 15:19:54	JOSENI PEREIRA MEIRA REIS	Aceito
Outros	TERMO_CONCESSAO.pdf	25/03/2024 15:16:45	JOSENI PEREIRA MEIRA REIS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	25/03/2024 15:15:17	JOSENI PEREIRA MEIRA REIS	Aceito
Outros	CONFIDENCIALIDADE.pdf	25/03/2024 15:14:53	JOSENI PEREIRA MEIRA REIS	Aceito
Declaração de concordância	DESENVOLVIMENTO_PESQUISA.pdf	25/03/2024 15:13:38	JOSENI PEREIRA MEIRA REIS	Aceito
Declaração de Pesquisadores	TERMODECOMPROMISSO.pdf	25/03/2024 15:13:05	JOSENI PEREIRA MEIRA REIS	Aceito
Outros	AUTORIZACAO_COPARTICIPANTE.pdf	25/03/2024 15:12:21	JOSENI PEREIRA MEIRA REIS	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	DECLARACAODAINSTITUICAO.pdf	25/03/2024 15:10:24	JOSENI PEREIRA MEIRA REIS	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.pdf	25/03/2024 15:06:32	JOSENI PEREIRA MEIRA REIS	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETOCOMPLETO_MEMORIA.pdf	25/03/2024 15:06:06	JOSENI PEREIRA MEIRA REIS	Aceito
Folha de Rosto	FOLHADEROSTO.pdf	25/03/2024 15:05:30	JOSENI PEREIRA MEIRA REIS	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SALVADOR, 09 de Abril de 2024

Assinado por:
Aderval Nascimento Brito
(Coordenador(a))

Endereço: Avenida Engenheiro Oscar Pontes 1122, antigo prédio da Petrobras 3º andar, sala 1, Água de Meninos,
Bairro: Água de Meninos - site www.cep.uneb. **CEP:** 40.460-120
UF: BA **Município:** SALVADOR
Telefone: (71)3612-1330 **Fax:** (71)3612-1300 **E-mail:** cepuneb@uneb.br/www.cep.uneb.br

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Esta pesquisa seguirá os Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução no 196/96 do Conselho Nacional de Saúde.

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Identificação fictícia do participante : _____

Sexo: F () M () Data de Nascimento: _____

Documento de Identidade : _____

Complemento: _____

Cidade: _____ CEP: _____

Telefone: () _____ / () _____

II - DADOS SOBRE A PESQUISA CIENTÍFICA:

TÍTULO DE PESQUISA:

SABERES E PRÁTICAS CULTURAIS PRESENTES NAS REZAS DA COMUNIDADE DE MORRO DO SOBRADO EM PINDAI-BAHIA

III - EXPLICAÇÕES DO PESQUISADOR AO PARTICIPANTE SOBRE A PESQUISA:

Prezado(a) entrevistado(a), você está sendo convidado(a) para participar da pesquisa:

“SABERES E PRÁTICAS CULTURAIS PRESENTES NAS REZAS DA COMUNIDADE DE MORRO DO SOBRADO EM PINDAI-BAHIA”, vinculado ao projeto guarda-chuva Memória, História, Práticas Educativas e Culturais na Região do Alto Sertão Baiano, da pesquisadora Joseni Pereira Meira Reis, professora do curso de Pedagogia do Departamento de Educação – Campus XII da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Assim, o presente trabalho tem como objetivo geral: Investigar os saberes e práticas culturais presentes nas rezas realizadas na comunidade de Morro do Sobrado, em Pindaí-BA.



1. **Envolvimento dos participantes na pesquisa:** Caso você aceite participar deste estudo, será convidado a responder, a uma entrevista semiestruturada por meio da qual serão narradas suas memórias, histórias, práticas educativas e culturais relacionadas com o tema da nossa investigação. Caso queira, você poderá, a qualquer momento, desistir de participar deste estudo. Sua recusa não trará nenhum prejuízo a sua relação com a pesquisadora ou com a instituição. Quaisquer dúvidas serão esclarecidas pela pesquisadora e, caso queira, poderá entrar em contato também com o Comitê de Ética da Universidade do Estado da Bahia. Você receberá uma cópia deste termo no qual consta o contato do pesquisadora.

2. **Procedimentos metodológicos:** A geração de dados consistirá por meio da realização de entrevista semiestruturada.

3. **Riscos e desconfortos:** A participação nesta pesquisa não traz complicações legais. Pela natureza da pesquisa, possíveis riscos da pesquisa e ações para minimizá-los, pelo fato dessa pesquisa envolver seres humanos, os riscos são uma possibilidade, mesmo que mínimos, como, por exemplo, o constrangimento em comentar sobre sua prática profissional, ou dificuldades, rememorar práticas, enfim, são algumas questões que podem reverberar nos participantes ao responder a entrevista; possível desconforto ao dispor de um tempo para participar da pesquisa, considerando que todos têm uma vida profissional corrida.



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA-UNEB
 Autorização Decreto nº 9237/86. DOU 18/07/96.
 Reconhecimento: Portaria 909/95, DOU 01/08-95
 DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO CAMPUS XII –
 GUANAMBI - BAHIA

Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais conforme Resolução CNS nº 466/ 2012 e Resolução CNS nº. 510/2016. Nenhum dos procedimentos usados oferece riscos à sua dignidade.

4. Confidencialidade: Garantimos que sua identidade será tratada com sigilo e, portanto, não será identificada. Desta forma, sua imagem será preservada. No texto final serão utilizados nomes fictícios, sem identificação dos participantes, e apenas trechos da entrevista. Os resultados deste estudo comporão relatórios parciais e final da pesquisa e poderão ser publicados em artigos e/ou livros científicos ou apresentados em congressos acadêmicos.

5. Benefícios: A realização desta pesquisa trará contribuições significativas para a construção do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), que terá como foco as rezas da comunidade de Morro do Sobrado. Este estudo será de grande importância tanto para a comunidade, ao possibilitar reflexões sobre sua realidade, quanto para futuras pesquisas na área da educação, servindo como base para novo estudo.

6. Após esses esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre e esclarecida para participar desta pesquisa. Portanto preencha, por favor, os itens que se seguem. No entanto, se ainda tiver dúvida a respeito da sua participação na pesquisa, não assine esse documento.

IV. INFORMAÇÕES DE NOMES, ENDEREÇOS E TELEFONES DOS RESPONSÁVEIS PELO ACOMPANHAMENTO DA PESQUISA, PARA CONTATO EM CASO DE DÚVIDAS PESQUISADORA RESPONSÁVEL:

Endereço: Praça Castro Alves 60, Bela Vista Telefone:
 (77) 99193-3555 E-mail: jpreis@uneb.br

Atualizado em 25/03/24



Comitê de Ética em Pesquisa- CEP/UNEB Rua Silveira Martins, 2555, Cabula. Salvador-BA. CEP: 41.150-000. Tel.: 71 3117-2445 e-mail: cepuneb@uneb.br

Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP SEPN 510 NORTE, BLOCO A 1º SUBSOLO, Edifício Ex-INAN - Unidade II - Ministério da Saúde CEP: 70750-521 – Brasília. DF.

ORIENTANDO QUE REALIZOU A ENTREVISTA:

Nome: Carlos André Ribeiro da Silva

Endereço: Fazenda Morro do Sobrado, nº 515, Zona Rural, Pindai – BA

Telefone: (77) 991135856

E-mail: gxpCarlos6@gmail.com

V. CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO

Declaro que, após ter sido devidamente esclarecido(a) pelo pesquisador sobre os objetivos e os benefícios da minha participação na pesquisa intitulada **SABERES E PRÁTICAS CULTURAIS PRESENTES NAS REZAS DA COMUNIDADE DE MORRO DO SOBRADO EM PINDAI-BAHIA**, e de ter entendido o que me foi explicado, concordo em participar deste estudo.

Consinto que os resultados obtidos sejam apresentados e publicados em eventos e artigos científicos desde que não haja a identificação do meu nome. Assinarei este documento em duas vias sendo uma destinada ao pesquisador e outra a mim.

Guanambi/BA, .../ /...2025.

Assinatura do(a) participante da pesquisa

Assinatura do entrevistador da pesquisa – matrícula 152010293

Assinatura da professora responsável pela pesquisa

APÊNDICE C – ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Identificação do entrevistado (a)

Data de nascimento:

Naturalidade:

Escolaridade:

Gênero:

Estado civil:

1. O senhor(a) pode nos contar um pouco sobre como teve seu primeiro contato com as rezas?
2. Como essas rezas costumam ser realizadas? Há um modo ou uma forma específica de entoá-las ou de organizar os participantes durante a celebração?
3. As rezas praticadas pela comunidade possuem características próprias que refletem a cultura local, como músicas, gestos ou palavras específicas?
4. Você percebe que as rezas estão diminuindo ou mudando? Por quê?
5. Em seu entendimento quais as dificuldades e desafios que a comunidade tem enfrentado para manter essa tradição viva?
6. Você considera que as rezas ajudam a fortalecer a união e a identidade da comunidade?
7. O senhor(a) acredita que essa prática deve continuar sendo transmitida? Por quê?

ANEXO A – LETRA DO OFÍCIO DE NOSSA SENHORA

Deus vos salve Virgem, Filha de Deus Pai!
 Deus vos salve Virgem, Mãe de Deus Filho!
 Deus vos salve Virgem, Esposa do Divino Espírito Santo!
 Deus vos salve Virgem, Templo e Sacrário da Santíssima Trindade!

Agora, lábios meus, dizei e anunciai os grandes louvores da Virgem Mãe de Deus. Sede em meu favor, Virgem soberana, livrai-me do inimigo com o vosso valor. Glória seja ao Pai, ao Filho e ao Amor também, que é um só Deus em Pessoas três, agora e para sempre, e sem fim. Amém.

Deus vos salve, Virgem, Senhora do mundo, Rainha dos céus e das virgens. Estrela da manhã, Deus vos salve, cheia de graça divina, formosa e louçã. Daí pressa Senhora, em favor do mundo, pois vos reconhece como defensora. Deus vos nomeou já desde toda a eternidade, para a Mãe do Verbo, com o qual criou terra, mar e céus. E vos escolheu, quando Adão pecou, por esposa de Deus. Deus vos escolheu, e já muito dantes em seu tabernáculo morada lhe deu. Ouvi, Mãe de Deus, minha Oração. Toquem vosso peito os clamores meus.

Santa Maria, Rainha dos céus, Mãe de Nosso Senhor Jesus Cristo, Senhora do mundo, que a nenhum pecador desamparais nem desprezais; ponde, Senhora, em mim os olhos de Vossa piedade e alcançai-me de Vosso amado Filho o perdão de todos os meus pecados, para que eu que agora venero com devoção a Vossa santa e Imaculada Conceição, mereça na outra vida alcançar o prêmio da bem-aventurança, por mercê do Vosso benditíssimo Filho, Jesus Cristo, Nosso Senhor, que, com o Pai e o Espírito Santo, vive e reina para sempre. Amém.

Sede em meu favor, Virgem soberana, livrai-me do inimigo com o vosso valor. Glória seja ao Pai, ao Filho e ao Amor também, que é um só Deus, em Pessoas três, agora, sempre e sem fim. Amém.

Deus vos salve, mesa para Deus ornada, coluna sagrada de grande firmeza; casa dedicada a Deus sempiterno, sempre preservada Virgem do pecado. Antes que nascida, foste, Virgem santa no ventre ditoso de Ana concebida. Sois Mãe criadora dos mortais viventes. Sois dos Santos porta; dos Anjos, Senhora. Sois forte esquadrão contra o inimigo, estrela de Jacó, refúgio do cristão. A Virgem, a criou Deus no Espírito Santo, e todas as suas obras com elas as ornou. Ouvi, Mãe de Deus, minha Oração. Toque Vosso peito os clamores meus.

Santa Maria, Rainha dos céus, Mãe de Nosso Senhor Jesus Cristo, Senhora do mundo, que a nenhum pecador desamparais nem desprezais; ponde, Senhora, em mim os olhos de Vossa piedade e alcançai-me de Vosso amado Filho o perdão de todos os meus pecados, para que eu que agora venero com devoção a Vossa santa e Imaculada Conceição, mereça na outra vida alcançar o prêmio da bem-aventurança, por mercê do Vosso benditíssimo Filho, Jesus Cristo, Nosso Senhor, que, com o Pai e o Espírito Santo, vive e reina para sempre. Amém.

Sede em meu favor, Virgem soberana, livrai-me do inimigo com o vosso valor. Glória seja ao Pai, ao Filho e ao Amor também, que é um só Deus, em Pessoas três, agora, sempre e sem fim. Amém.

Deus Vos salve, trono do grão Salomão, arca de concerto, velo de Gedeão; Íris do céu clara, sarça de visão, favo de Sansão, florescente vara; a qual escolheu para ser Mãe sua, e de Vós nasceu o Filho de Deus. Assim Vos livrou da culpa original, nenhum pecado há em Vós sinal. Vós, que habitais lá nessas alturas, e tendes Vosso Trono sobre as nuvens puras, ouvi, Mãe de Deus, minha oração, toque em Vossos peitos os clamores meus.

Santa Maria, Rainha dos céus, Mãe de Nosso Senhor Jesus Cristo, Senhora do mundo, que a nenhum pecador desamparais nem desprezais; ponde, Senhora, em mim os olhos de Vossa piedade e alcançai-me de Vosso amado Filho o perdão de todos os meus pecados, para que eu que agora venero com devoção a Vossa santa e Imaculada Conceição, mereça na outra vida alcançar o prêmio da bem-aventurança, por mercê do Vosso benditíssimo Filho, Jesus Cristo, Nosso Senhor, que, com o Pai e o Espírito Santo, vive e reina para sempre. Amém.

Sede em meu favor, Virgem soberana, livrai-me do inimigo com o vosso valor. Glória seja ao Pai, ao Filho e ao Amor também, que é um só Deus, em Pessoas três, agora, sempre e sem fim. Amém.

Deus Vos salve, Virgem de trindade templo, alegria dos anjos, da pureza exemplo; que alegrais os tristes com vossa clemência, horto de deleite, palma da paciência. Sois terra bendita e sacerdotal. Sois de castidade símbolo real. Cidade do Altíssimo, porta oriental, sois a mesma graça, Virgem singular. Qual lírio cheiroso, entre espinhas duras, tal sois Vós, Senhora entre as criaturas. Ouvi, Mãe de Deus, minha Oração. Toque em Vosso peito os clamores meus.

Santa Maria, Rainha dos céus, Mãe de Nosso Senhor Jesus Cristo, Senhora do mundo, que a nenhum pecador desamparais nem desprezais; ponde, Senhora, em mim os olhos de Vossa piedade e alcançai-me de Vosso amado Filho o perdão de todos os meus pecados, para que eu que agora venero com devoção a Vossa santa e Imaculada Conceição, mereça na outra vida alcançar o prêmio da bem-aventurança, por mercê do Vosso benditíssimo Filho, Jesus Cristo, Nosso Senhor, que, com o Pai e o Espírito Santo, vive e reina para sempre. Amém.

Sede em meu favor, Virgem soberana, livrai-me do inimigo com o vosso valor. Glória seja ao Pai, ao Filho e ao Amor também, que é um só Deus, em Pessoas três, agora, sempre e sem fim. Amém.

Deus vos salve, cidade de torres guarnecida de Davi, com armas bem fortalecida. De suma caridade sempre abrasada, do dragão a força foi por Vós prostrada. A mulher tão forte! A invicta Judite! Que Vós alentastes o sumo Davi. Do Egito, o curador de Raquel nasceu; do mundo, o Salvador Maria no-lo deu. Toda é formosa minha companheira, nela não há mácula da culpa primeira. Ouvi, Mãe de Deus, minha Oração. Toquem o Vosso peito os clamores meus.

Santa Maria, Rainha dos céus, Mãe de Nosso Senhor Jesus Cristo, Senhora do mundo, que a nenhum pecador desamparais nem desprezais; ponde, Senhora, em mim os olhos de Vossa piedade e alcançai-me de Vosso amado Filho o perdão de todos os meus pecados, para que eu que agora venero com devoção a Vossa santa e Imaculada Conceição, mereça na outra vida alcançar o prêmio da bem-aventurança, por mercê do Vosso benditíssimo Filho, Jesus Cristo, Nosso Senhor, que, com o Pai e o Espírito Santo, vive e reina para sempre. Amém.

Sede em meu favor, Virgem soberana, livrai-me do inimigo com o vosso valor. Glória seja ao Pai, ao Filho e ao Amor também, que é um só Deus, em Pessoas três, agora, sempre e sem fim. Amém.

Deus vos salve, relógio, que, andando atrasado, serviu de sinal ao Verbo Encarnado. Para que o homem suba às sumas alturas, desce Deus dos céus para as criaturas. Com os raios claros do Sol da Justiça, resplandece a Virgem, dando ao sol cobiça. Sois lírio formoso que cheiro respira entre os espinhos. Da serpente a ira Vós a quebrantais com o vosso poder. Os cegos errados Vós alumiais. Fizestes nascer Sol tão fecundo, e como com nuvens cobristes o mundo. Ouvi, Mãe de Deus, minha Oração. Toquem Vosso peito os clamores meus.

Santa Maria, Rainha dos céus, Mãe de Nosso Senhor Jesus Cristo, Senhora do mundo, que a nenhum pecador desamparais nem desprezais; ponde, Senhora, em mim os olhos de Vossa piedade e alcançai-me de Vosso amado Filho o perdão de todos os meus pecados, para que eu que agora venero com devoção a Vossa santa e Imaculada Conceição, mereça na outra vida alcançar o prêmio da bem-aventurança, por mercê do Vosso benditíssimo Filho, Jesus Cristo, Nosso Senhor, que, com o Pai e o Espírito Santo, vive e reina para sempre. Amém.

Sede em meu favor, Virgem soberana, livrai-me do inimigo com o vosso valor. Glória seja ao Pai, ao Filho e ao Amor também, que é um só Deus, em Pessoas três, agora, sempre e sem fim. Amém.

Deus Vos salve, Virgem, Mãe Imaculada, Rainha de clemência, de estrelas coroada. Vos sobre os Anjos sois purificada; de Deus à mão direita estais de ouro ornada. Por Vós, Mãe de graça, mereçamos ver a Deus nas alturas, com todo prazer. Pois sois esperança dos pobres errantes, e seguro porto dos navegantes. Estrela do mar e saúde certa, e porta que estais para o céu aberta. É óleo derramado, Virgem, Vosso nome, e os vossos servos vos hão sempre amado. Ouvi, Mãe de Deus, minha Oração. Toquem Vosso peito os clamores meus.

Santa Maria, Rainha dos céus, Mãe de Nosso Senhor Jesus Cristo, Senhora do mundo, que a nenhum pecador desamparais nem desprezais; ponde, Senhora, em mim os olhos de Vossa piedade e alcançai-me de Vosso amado Filho o perdão de todos os meus pecados, para que eu que agora venero com devoção a Vossa santa e Imaculada Conceição, mereça na outra vida alcançar o prêmio da bem-aventurança, por mercê do Vosso benditíssimo Filho, Jesus Cristo, Nosso Senhor, que, com o Pai e o Espírito Santo, vive e reina para sempre. Amém.

Humildes, oferecemos a Vós, Virgem pia, essas orações, porque, em nossa guia, vades Vós adiante. E na agonia, Vós nos animeis, ó doce Virgem Maria. Amém.